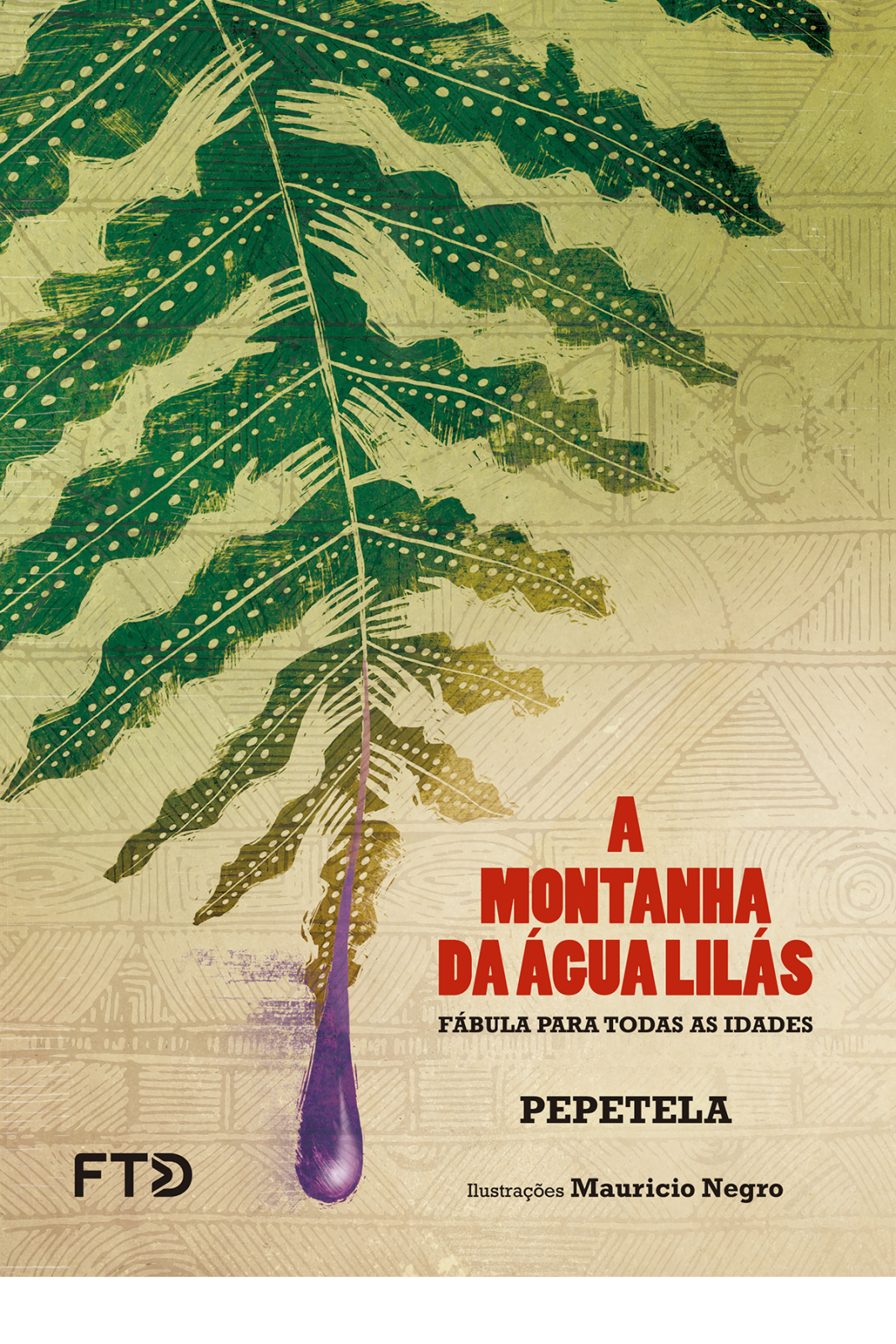




A MONTANHA DA ÁGUA LILÁS

FÁBULA PARA TODAS AS IDADES

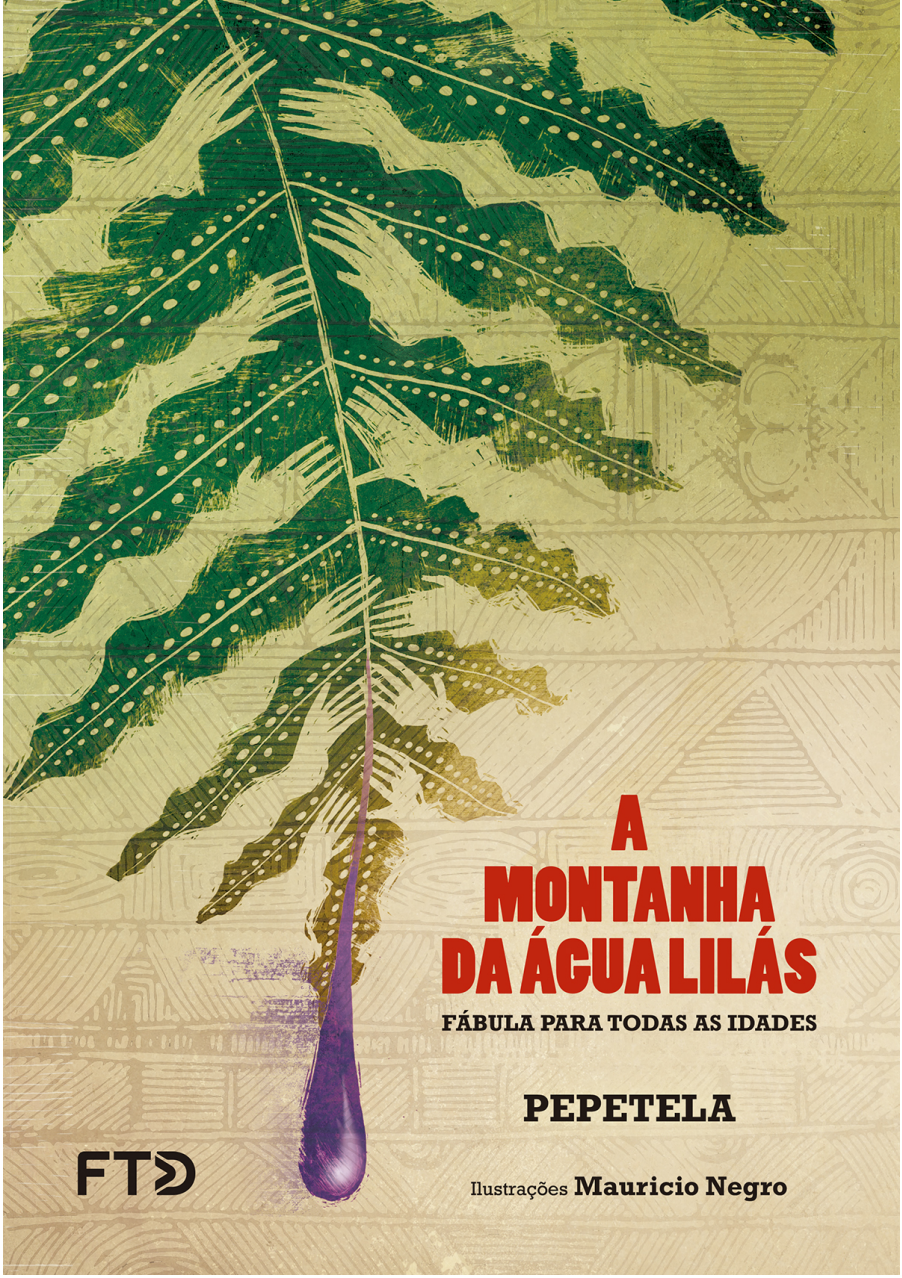
PEPETELA

FTD

Ilustrações **Mauricio Negro**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A MONTANHA DA ÁGUA LILÁS

FÁBULA PARA TODAS AS IDADES

PEPETELA

FTD

Ilustrações **Mauricio Negro**

A MONTANHA DA ÁGUA LILÁS

FÁBULA PARA TODAS AS IDADES

PEPETELA

**A
MONTANHA
DA ÁGUA LILÁS**
FÁBULA PARA TODAS AS IDADES

Ilustrações

Mauricio Negro

Prefácio e notas

Benjamin Abdala Junior

FTD

São Paulo – 2022

Para a Lueji



Sumário

Capa

Folha de rosto

Entre o sonho e a visão crítica, uma fonte perfumada

Apresentação

1 A montanha

2 Os lupis

3 As três qualidades

4 Os jacalupis

5 A água lilás

6 As descobertas científicas

7 Disputa e acordo

8 Os bichos da planície

9 O lupi-comerciante tem ideias

10 O apetite dos jacalupis

11 A reunião decisiva

12 As modas da planície

13 Os lupões jacalupizam

14 Os leões e as onças

15 Luta e exílio

16 Toda estória tem um fim, não é?

Ficha catalográfica

Entre o sonho e a visão crítica, uma fonte perfumada

A montanha da água lilás é um livro sobre as raízes das injustiças sociais. Uma narrativa de ficção longa, em tom de fábula, em que seu sentido figurado, de grande atualidade, pode ser estendido ao que acontece ou aconteceu com muitos povos do mundo.

São duas as personagens que guardam o sentido ético dessa narrativa: o lupi-poeta e o lupi-pensador. Os lupis são os habitantes da montanha da água lilás, seres inventados por Pepetela. Foi o lupi-poeta quem descobriu a água lilás, um líquido de perfume muito doce, que tinha a propriedade de acabar com os parasitas que infestavam a pele dos lupis. Além disso, a água provocava, entre eles, o saudável efeito de bom humor.

Os problemas surgiram a partir do momento em que começou a luta pela apropriação dessa fonte perfumada. As desavenças intensificaram-se com a comercialização da água. Tudo acontecia ao contrário do sonho do poeta que a descobriu. E com a extensão do negócio para os animais que viviam fora da montanha (leões, elefantes, onças, hienas etc.) e o mau uso da ciência e tecnologia, suas diferenças foram acentuadas pela transformação da água em armas químicas e biológicas, utilizadas contra grupos rivais.

O que seria um sonho idealista do lupi-poeta torna-se elemento catalisador de ódio, inveja, cobiça e, sobretudo, violência. Qual seria o destino dos lupis, divididos entre cambutinhas, lupões e jacalupis? E o destino dos outros seres que habitavam a savana africana? Como ficariam o lupi-poeta (símbolo do sonho libertário) e o lupi-pensador, que tem uma visão crítica dessa experiência de vida? Essas duas personagens são facetas, a do poeta e do pensador, que aparecem nesta narrativa e no conjunto da obra de Pepetela.

Uma das funções do lupi-poeta é a de transmitir às novas gerações experiências de vida, mas também sonhar com veios de

água lilás que promovam a sociabilidade.

A simbolização dos sonhos nessas águas permite associá-la a uma perspectiva ecológica. Ecologia em sentido amplo – tanto no mundo natural como no sociocultural.

Fica a pergunta: o que as novas gerações terão a dizer a partir dessa narrativa poética, aparentemente singela, mas que, o tempo todo, procura levar o leitor do encantamento à reflexão?

Benjamin Abdala Junior

Professor Titular de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP



Apresentação

O AVÔ BENTO, EM NOITES DE CACIMBO¹ À VOLTA DA FOGUEIRA, NOS CONTOU, FUMANDO O SEU CACHIMBO QUE ELE PRÓPRIO ESCULPIU EM PAU ESPECIAL.

Dizia a estória se passou aqui mesmo, nas serras ao lado, mas pode ser que fosse trazida de qualquer parte de África. Até mesmo do Oriente, onde dizem também há água lilás.

Se virmos bem, em muitos lados pode ter uma montanha semelhante. Eu só escrevi aquilo que o avô nos contou, não inventei nada.

1 Nevoeiro denso, próprio do inverno, que, às vezes, chega a se tornar garoa.↵



1 A montanha

ERA UMA MONTANHA COMO AS OUTRAS.

Tinha formas arredondadas, como todas as montanhas já velhas, muito batidas pelos ventos. Tinha vales pouco profundos, por onde corria um regato que nascia no cume mais alto e descia em múltiplas curvas até a planície. Aí recebia água de outros riachos, nascidos noutras montanhas, e virava rio grande. Mas isso já era longe da nossa montanha, não entra na estória. Aqui era mesmo só um regato de água límpida, saltitante entre os rochedos, lambendo as raízes das árvores que cresciam nas margens. Toda a montanha estava coberta por vegetação: árvores grandes como a mafumeira², a mulemba³ ou a amoreira de tronco branco, e também as de frutas silvestres. No chão se misturavam fetos⁴ de diferentes formas e tamanhos, begônias e rosas-de-porcelana. Só num ou noutro sítio tinha capim, capim tenrinho e que não crescia muito, por causa da sombra das grandes árvores, gigantes teimosos escondendo o Sol.

O clima não era muito quente, por causa da altitude. E chovia bastante, daquelas chuvadas rápidas que sem avisar nos caem em cima, embora nunca com grande violência.

A montanha tinha dois cumes principais: o cume Lupi, o mais alto, onde nascia o rio de mesmo nome, e o cume do Sol, no extremo oposto. No meio dos dois cumes havia um morrozito com pedras, sem plantas nem árvores, apenas capim baixo. Era o sítio mais calmo e perfumado da montanha e dali se podia ver melhor o luar de lua cheia; por isso era o Morro da Poesia.

Era uma montanha como todas as outras. Mas seria mesmo?

2 Sumaúma, no Brasil; a árvore mais alta do continente africano.↵

3 Figueira africana, considerada sagrada em algumas culturas.↵

4 Plantas sem flores, com folhas bem divididas, como as samambaias.↵

2 Os lupis



NÃO SE SABE POR QUE MAGIA DA NATUREZA, NA NOSSA MONTANHA APARECERAM HÁ MUITOS E MUITOS ANOS UNS ESTRANHOS SERES COR DE LARANJA, DIFERENTES DE TODOS OS OUTROS DA TERRA. Eram animais que se distinguiam em duas qualidades⁵, embora fossem da mesma família. Todos eles eram peludinhos, exceto na cara. Esta tinha um nariz bem gordo, batatudo, e bochechas todas redondas de tocadores de trombone. As orelhas também eram redondas. Tinham duas pernas e dois braços, andavam de pé como os humanos. Mas as duas qualidades apresentavam diferenças importantes: havia uns, a maioria, cambutinhas⁶, do tamanho de coelhos. Os outros eram maiores, do tamanho dum chimpanzé pequeno e mais gordos, todos redondos. Estes animais pensavam e falavam e trabalhavam. Não eram homens, porque se chamavam lupis.

O nome foi dado pelos outros animais, pelo fato de gritarem lupi-lupi-lupi, isto é, lupilarem, quando estavam contentes ou então muito zangados. Por aqui se vê já que esta estória é do tempo em que os animais sabiam ainda dar nomes às coisas. Pois é, o avô Bento já é muito velho. Voltando aos nossos amigos, eles lupilavam de maneira diferente, conforme as qualidades. Os cambutinhas faziam-no muito agudamente, a propósito de tudo e

de nada. Os maiores faziam um lupi-lupi-lupi mais grave, menos alegre.

Foi esta a arma secreta que utilizaram quando a montanha foi invadida pelos rinocerontes. Os rinocerontes, que sempre viveram lá na planície, vieram um dia provar o capim tenrinho e rasteiro da montanha. Nunca mais queriam sair daqui. E os lupis andavam incomodados, sempre com medo de serem atropelados por aqueles mastodontes míopes. Depois de um acidente, em que o lupi-azarado ficou com o pé esquerdo desfeito, por ter sido pisado por um monstro distraído, reuniram em conselho para debater a questão. Tinham de expulsar os rinocerontes para a sua planície. Mas como, se eram tão pequenos e fracos? Decidiram exagerar na gritaria. Assim mesmo. O lupi-lupi-lupi invadiu a montanha. Os rinocerontes, que são quase cegos mas nada surdos, andavam muito nervosos com a lupilagem estonteante. Desesperados, bem corriam atrás dos lupis para os esmagar, mas estes eram rápidos e ágeis. Subiam logo às árvores, escapando sempre. Os rinocerontes ficavam cá embaixo a escavar a terra, a dar marradas nas árvores, furiosos. E o coro lúpico prosseguia lá em cima. Até que, com os nervos arrasados, cacimbados⁷ mesmo, os rinocerontes retiraram e nunca mais voltaram à montanha.

A montanha era de novo só dos lupis.

5 Espécie.↵

6 Cambutinha, diminutivo de cambuta, indivíduo baixo.↵

7 Com os nervos destruídos, reduzidos a cacimbo (nevoeiro).↵

3 As três qualidades



OS LUPIS COMIAM OS FRUTOS DAS ÁRVORES. Como a fruta era abundante durante todo o ano, eles estavam bem alimentados. Dormiam em cubatas⁸ que faziam com ramos e folhas de árvores. Viviam aos casais, como as pessoas. Coisa interessante é que as fêmeas, fossem pequenas ou maiores, tinham sempre filhos cambutinhas. Era ao crescer que se começavam a distinguir, uns a comer e a crescer mais que os outros. Um casal podia ter todos os filhos de uma só qualidade, ou repartidos entre as duas. Independentemente da qualidade dos pais. Não parecia haver regras.

Na escola se notava também diferença. Os lupis cambutinhas eram mais rápidos a aprender, mais vivos, inventavam coisas e estórias, canções e danças, faziam bué⁹ de perguntas. Tinham também mais propensão para as pequenas mentiras e malandrices. Os maiores, conhecidos por lupões, eram mais lentos, não inventavam frequentemente, mas como trabalhavam muito e eram sérios, sabiam fazer melhor as contas de dividir as mangas, ou de somar goiabas com pitangas. Nas contas, sim, os lupões eram o máximo. Mas só nas contas. Por isso talvez, os professores, cantores e inventores eram sempre cambutas.

Pouco depois de expulsarem os rinocerontes, um fato estranho surgiu entre os lupis. Os lupizinhos, que nasciam todos iguais, com mesmo tamanho e apetite, passaram a apresentar uma nova diferenciação já tarde, durante a última fase do crescimento. Quando se notava perfeitamente que começava a crescer demais, pensava-se este vai ser um lupão. Mas podia não ser. Alguns não

paravam de crescer, cresciam, cresciam. E com um apetite devorador. Chegavam rapidamente ao tamanho de um grande macaco. E ainda mais redondos que os lupões. As diferenças porém não paravam aí. Eram muito preguiçosos, nem podiam aprender a subir às árvores e preferiam estar todo o tempo deitados a fazer jac-jac-jac com as bocas grandes. Era um som parecido ao que fazem os jacarés quando estão a dormir ao sol de bocarra aberta. Não lupilavam. Os lupis grandões jacarejavam. Por isso os cambutinhas lhes chamaram de jacalupis.

A sociedade lupi complicou-se bué com o aparecimento dos jacalupis, como já estamos mesmo a ver.

8 Cabanas feitas de barro e ramos, cobertas por capim ou folhas de palmeira.↵

9 Grande quantidade, muitas.↵

4 Os jacalupis



OS JACALUPINHOS, AO ENTRAR PARA A ESCOLA, JÁ TINHAM AS QUALIDADES E O COMPORTAMENTO JACALÚPICO. Eram muito maiores que os colegas e foi preciso fazer umas carteiras mais largas e fortes. Não aprendiam quase nada, passando todo o tempo a jacarejar com as bocas abertas, para desespero da lupi-professora que lhes queria ensinar a ler. E quando eram interrogados davam beliscões nos lupizinhos para estes lhes assopram as respostas.

– Se não me dizes, lá fora já sabes... jac-jac-jac!... – ameaçavam constantemente.

No recreio da escola havia sempre o acerto de contas, com os jacalupinhos a quererem bater nos outros. Só que desconseguiam, pois os outros lupis eram mais vivos e rápidos e escapavam sempre, lupilando de gozo.

Os jacalupis eram praticamente incapazes de arranjar comida para si próprios. Primeiro eram os pais que tinham de subir às árvores a colher frutas para eles. Mais tarde, quando os jacalupis cresceram em tamanho e em número, foi preciso que todos os lupis recolhessem as frutas e deixassem uma parte para eles. Mas os jacalupis, com o tempo, iam ficando cada vez mais agressivos e exigentes. Bastava uma banana estar ligeiramente amassada para a recusarem. E ameaçavam os próprios pais lupis.

– Realmente não respeitam ninguém – dizia a lupi-professora, muito triste.

A lupi-professora, que era casada com o lupi-kimbanda¹⁰, tinha dois filhos cambutinhas e um jacalupi. Sofria muito porque o grandão não se entendia com os outros dois e as pancadarias eram frequentes numa casa antes tão tranquila. Nem o marido, o lupi-kimbanda, que conhecia bué de raízes e ervas para tratar as doenças, podia resolver as makas¹¹ do lar.

A montanha deixou de ser o reino da harmonia do tempo em que só havia as duas qualidades de lupis. Mas não exageremos, também não se pode dizer que fosse uma sociedade cheia de makas. No fundo, os jacalupis só ameaçavam e insultavam. Os outros lupilavam e passava-lhes logo o aborrecimento. Os jacalupis adormeciam ao sol e como tinham memória de jacaré, quando acordavam já tinham esquecido o mambo¹² e tinham masé¹³ fome. A comida abundava e por isso os problemas não se agravavam.

Mas a situação preocupava os lupis, que se reuniam no njango¹⁴, ao fim da tarde, para discutir aquele caso estranho. Mesmo o lupi-sábio, o mais inteligente e experiente dos lupis cambutinhas, não sabia o que fazer. Todos olhavam para ele, à espera de uma resposta, mas ele só coçava a cabeça, envergonhado com a sua ignorância. E estudava, estudava, fechado no laboratório com os seus adjuntos.

Quando os primeiros jacalupis chegaram à idade de casar, aumentaram os problemas. Nenhum dos outros queria casar com um jacalupi, fosse macho ou fêmea.

– O quê? – protestava uma cambutinha. – Para ser espremida por aquele jacabruto? E passar o dia todo a ouvir exigências de comida, comida... Nem morta!

Os jacalupis acabaram por casar só entre si, o que resultava complicado, pois eram poucos e não havia uma correta repartição entre os sexos. Os que não arranjavam parceiro se tornavam ainda mais exigentes e revoltados. Mas só ameaçavam, ameaçavam. E assediavam sexualmente os de outras qualidades. Sem sucesso, como já vimos. No entanto, estes tinham de manter certa vigilância, pois poderia repetir-se a tentativa de violação que o lupi-distraído sofreu de uma jacalupi, um dia que olhava para uma borboleta.

Coisa diferente das outras qualidades acontecia também com os casais de jacalupis. Só tinham filhos jacalupis. E raramente. Como os pais eram incapazes de arranjar comida para si próprios, também não o faziam para os filhos. O conjunto dos lupis tinha pois esse encargo. Felizmente os jacalupis eram poucos e não se reproduziam muito, senão...

– Já viram o que seria da nossa sociedade? – dizia o lupi-pensador para os amigos. – Seríamos escravos deles, a ter de fazer todo o trabalho que eles conseguem.

– E nem se interessam por poesia, lupi-lupi-lupi – queixou docemente o lupi-poeta. – Ainda no outro dia, quando apresentei o meu recital novo, fiquei rouco de tanto gritar. Tinha mesmo de berrar para abafar os jac-jac-jac deles todos a dormirem ali no Morro da Poesia. Proponho, aliás, vamos proibir os jacalupis de irem para o Morro da Poesia.

– Não se pode proibir nada – disse o lupi-pensador. – Eles vão, se querem. Gostam muito mais de sol do que nós e no Morro é onde há mais sol, porque não tem árvores. Não lhes devemos impedir.

– O lupi-pensador tem razão – disse o lupi-sábio. – Eles têm os mesmos direitos que nós. E depois há uma questão prática. Se os impedíssemos, eles iam na mesma. Não temos meios de fazer cumprir uma proibição dessas.

– É verdade – concordou o lupi-comerciante, que era um lupão, ao contrário dos que tinham falado antes, todos eles cambutas.

– O que é preciso é curá-los – disse o lupi-kimbanda. – Deve ser uma estranha doença que os ataca mesmo antes de nascerem, talvez no ventre da mãe. Se o lupi-sábio ajudar, podemos descobrir a cura para essa doença.

– Podemos experimentar – disse o lupi-sábio. – Mas não acredito que seja uma doença. Parece-me uma transformação natural, uma mutação. Aliás, a aparição dos lupões pode ter sido o primeiro passo para esta mutação.

– Xé, não aceito – gritou o lupi-contabilista, um lupão e o mais forte dos lupis em contas de cabeça. – Quer dizer que são nossos descendentes apenas?

– Lupi-lupi-lupi... – gaguejou o lupi-sábio. – Todos os lupis são

descendentes de lupis e acabou a estória. Mas também não sabemos explicar a transformação que diferencia vocês, os lupões, de nós, os cambutas. Pode ser essa mutação contínua que levou ao aparecimento dos jacalupis. Mas ninguém tem culpa de nada, é um problema de todos.

– Sem solução? – perguntou a lupi-professora.

– Vamos procurar a solução – disse o lupi-sábio.

E andavam todos os lupis ansiosos, vendo o lupi-sábio e seus adjuntos a trabalhar com o lupi-kimbanda e seus assistentes. Os anos passavam e não se encontrava remédio para o problema, nem ao menos uma explicação. Mas, apesar de tudo, a vida continuava animada e alegre na montanha. E, sempre que havia luar, se organizava uma festa, que durava toda a noite de lua cheia. Cantavam e dançavam, o lupi-poeta fazia um recital e toda a noite lupilavam. Os jacalupis iam à festa para comer e depois ficavam a jacarejar, enquanto os outros se divertiam.

10 Kimbanda é o curandeiro, praticante da medicina tradicional e, ao mesmo tempo, adivinho.↵

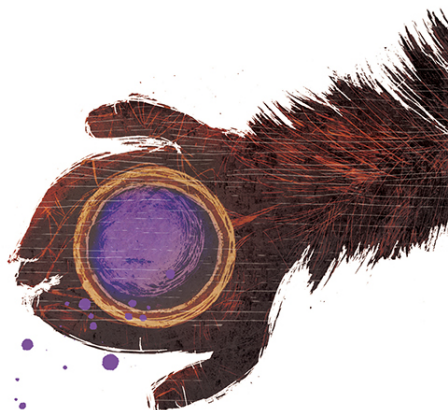
11 Discussões, conflitos, problemas.↵

12 Assunto.↵

13 Mas é.↵

14 Construção circular, aberta, onde se realizam reuniões.↵

5 A água lilás



UM DIA ESTAVA O LUPI-POETA NO SEU MORRO PREFERIDO. Como era muito cedo, não havia lá mais ninguém. Tentava lupilar um poema à beleza da lua, embora fosse hora de o sol nascer. Mas o poema não lhe saía bem e ele estava muito irritado, pois é sabido que os poetas são os seres mais irritáveis quando os resultados lhes não agradam. Tentou mais uma vez e nada. Desesperado, deu um pontapé numa pedra solta, que rolou pelo morro abaixo.

De repente, do sítio de onde saiu a pedra, brotou muito timidamente um líquido escuro. O lupi-poeta inclinou-se para ver melhor e sentiu então o perfume que saía daquele líquido lilás. Era um perfume muito doce. Pôs o dedo no líquido e levou-o ao nariz. Que maravilha! Os odores de todas as flores estavam reunidos naquele cheiro único que logo o encheu de enorme alegria, ele que momentos antes quase explodia de irritação. Ajoelhou no chão e cavou à volta, alargando o buracinho. O líquido começou a brotar em maior quantidade e o perfume intensificou-se. A alegria também. Ficou ali sentado no chão, ao lado da fonte, aspirando o perfume, todo feliz, esquecido mesmo de fazer o poema à lua.

Depois foi avisar o lupi-sábio. Voltaram os dois ao Morro da Poesia e o cientista também ficou maravilhado.

– É como uma fonte de água, só que não é água. Que será?

– É a água lilás! – disse o poeta. – Lupi-lupi-lupi, lhe dou esse nome.

– É um nome bonito – disse o lupi-sábio.

O lupi-sábio foi buscar a metade da casca de um maboque¹⁵ e encheu-a com a água lilás. Levou para casa, tinha de estudar aquele líquido estranho. Chamou os seus adjuntos e o lupi-kimbanda e seus assistentes. Se fecharam no laboratório.

O mujimbo¹⁶ correu logo pela montanha e todos os lupis foram ver a nova fonte. O lupi-comerciante, um lupão com muito sentido prático, propôs:

– A água lilás não para de sair do buraco, vai começar a correr pelo morro abaixo. Devíamos fazer uma pequena represa, para que ela se não perca.

Era uma boa ideia e todos os lupis aprovaram. Começaram logo a juntar pedras um pouco mais abaixo e fizeram uma espécie de tanque, onde a água lilás caía num fiozinho contínuo. Os jacalupis olhavam só os outros a trabalhar, aborrecidos porque o morro estava cheio de lupis e eles não podiam descansar à vontade. Mas não disseram nada, estavam também curiosos a cheirar aquela água. E jacarejavam mais docemente.

– Não bebam a água, enquanto os mais velhos não estudarem bem – avisou a lupi-professora. – Pode cheirar bem, mas fazer mal, se for bebida. Primeiro tem de se fazer todas as análises.

Os lupis trabalhavam felizes e com mais entusiasmo que habitualmente. Ao cair da noite, já o tanque estava pronto. Antes de cheio não podiam ver se a água saía dele. Embora tivesse sido bem calafetado com barro, a água podia se escoar. Ainda não tinham grande experiência nesse tipo de construções, usavam mais a madeira e o capim. No dia seguinte veriam o resultado. Foram todos para a aldeia, cantando e lupilando alto.

Custou a adormecer, pois todos estavam agitados com a descoberta. A luz não se apagava no laboratório do lupi-sábio e os outros vigiavam, vigiavam. Até que o sono os venceu.

¹⁵ Fruto do maboqueiro, de aspecto semelhante ao de uma laranja, mas com casca muito dura.↵

16 Notícia, no sentido mais antigo; atualmente, boato.↵

6 As descobertas científicas



NO DIA SEGUINTE, BEM CEDINHO, OS LUPIS SE JUNTARAM À VOLTA DO TANQUE. Durante a noite a água lilás não parou de jorrar e o tanque já tinha uns dez centímetros de altura de líquido. Parecia estar bem calafetado, pois as paredes se mostravam secas do lado de fora, resistindo à pressão da água. Por prudência, foram retocando melhor as paredes, acrescentando barro aqui e ali.

A meio da manhã, veio o lupi-kimbanda a correr, agitando os braços.

– Estivemos a fazer experiências. E já há uma descoberta muito boa, lupi-lupi-lupi!

Calou-se, olhando bem para o tanque, maneira de ver se o líquido não se perdia. Os lupis rodearam-no e começaram a pedir:

– Conta então, lupi-kimbanda, conta então.

– Bem. Foi por acaso que descobrimos. O meu assistente principal meteu a mão na porção de água lilás, para a cheirar mais uma vez. Ora ele tinha uma carraça¹⁷ bem grande na mão, dessas que já nem mexem de tão gordas. Quando entrou na água lilás, a carraça diminuiu, diminuiu, e acabou por desaparecer. Assim mesmo. Então andamos a nos catar as carraças e as pulgas e a pô-las num caquinho de ovo de avestruz com água lilás. Remédio santo! Imediatamente as carraças e pulgas diminuíram, diminuíram, até desaparecerem.

– Lupi-lupi-lupi! – gritou entusiasmado o lupi-poeta. – Vou já mergulhar no tanque, estou cheio de carraças.

– Não, espera – avisou o lupi-kimbanda. – Temos ainda de continuar as experiências. Se a água lilás faz mal às carraças, também pode fazer a nós.

Um lupizinho cambuta, de olhos a brilhar malandramente, perguntou:

– Será que um jacalupi diminui se cair dentro da água lilás?

– Xê aí, nada de brincadeiras! – ralhou a professora. – Vamos esperar que os cientistas estudem bem tudo isso.

Os lupis olhavam agora com ansiedade a superfície lilás do tanque, coçando-se. Porque as carraças, pulgas e outros parasitas, sempre foram uma verdadeira praga entre eles. Bem se catavam uns aos outros todos os dias, mas elas sempre apareciam. E causavam grandes comichões, até febres, por vezes fatais. Dava mesmo vontade de mergulhar no tanque e se livrarem de vez dos incômodos insetos. Mas o medo fazia-os hesitar. E se diminuíssem também eles, diminuíssem, até desaparecerem? A lupi-professora tinha razão, era preciso esperar disciplinadamente até que todos os estudos ficassem prontos. Tinham o perfume maravilhoso que saía do tanque e os tornava instantaneamente alegres. Já era uma grande dádiva da natureza.

Passou assim um dia, com os lupis reunidos a ver o tanque encher de água lilás e os sábios fechados na cubata-laboratório a fazerem análises e experiências. Foram dormir quando o tanque estava cheio pela metade.

No dia seguinte apareceu no Morro da Poesia o lupi-sábio. Nunca mais ninguém o tinha visto. Estava de aspecto muito cansado, pelo trabalho contínuo, sem dormir. Fez sinal para todos se calarem e anunciou:

– Temos quase a certeza que tomar banho na água lilás não nos faz mal, lupi-lupi-lupi!

Um grande lupi-lupi-lupi estourou também nas bocas dos lupis, que acordou os jacalupis.

– Esperem, esperem. Eu disse temos quase a certeza. Mas ainda é preciso ser prudentes. Fizemos experiências com o lupi-cobaia e não lhe aconteceu nada de mal. Ficou sem carraças e pulgas. Lupi-lupi-lupi, até assobiou de alegria.

Assombro! Todos conheciam a imensa tristeza do lupi-cobaia e ficaram pois admiradíssimos. Nunca ninguém podia se lembrar de ter visto o lupi-cobaia assobiar, sequer sorrir. Desde que a lupizinha que ele amava casou com um lupão, o lupi-cobaia

perdeu completamente o gosto pela vida. Passou a se oferecer para todas as experiências dos sábios. Não por procurar a morte, isso não. Mas porque, achava, tinha menos interesse na vida que os outros. Como era generoso e nada covarde, decidiu ajudar todos, arriscando nas experiências. E se não tinha gosto pela vida, encontrou gosto no risco. A sua felicidade era essa, arriscar num ensaio importante para todos. E sair bem dele, acarinhado pelos outros.

– Acho que todos podem hoje molhar as pernas – disse o lupi-sábio. – Mas só as pernas. Se as experiências continuarem a correr bem com o lupi-cobaia, amanhã já podem molhar o tronco. Mas, cuidado, nada de beber a água. O lupi-cobaia só começou a beber ontem e é preciso esperar muito tempo, pois pode ter efeitos retardados. Agora podem molhar as pernas.

Foi uma grande confusão. Todos os lupis saltaram ao mesmo tempo para o tanque, não havia lugar para todos. A água dava quase pela cintura aos cambutas e dava acima do joelho aos lupões. Os jacalupis, vendo os outros, quiseram também entrar no tanque.

– Esperem, esperem – avisou a lupi-professora. – Os jacalupis depois, não há espaço.

E eles obedeceram? Quais quê! Os jacalupis sempre foram malcriados. Entraram mesmo no tanque, pisando e expulsando todos os outros. E se deitaram na piscina, banhando o corpo inteiro, surdos aos avisos.

– É inútil – disse o lupi-sábio. – Se lhes acontecer algum mal, o problema é deles.

– Talvez diminuam... – repetiu o lupizinho, com vaga esperança.

Mas os jacalupis ficaram deitados no tanque, a jacarejar, jac-jac-jac, ocupando todo o espaço. E não diminuía. Estavam mais contentes a jacarejar, é tudo.

Entretanto os lupis se espantavam porque já não tinham comichões nas pernas. De repente tinham desaparecido todas as comichões. O lupi-poeta disse, apalmando-se:

– Tinha uma carraça no joelho. Bem gorda. Tão agarrada que tive medo de a arrancar, até estava para ir ao lupi-kimbanda.

Olhem, desapareceu, lupi-lupi-lupi.

A falta de comichões nas pernas acentuava as comichões no resto do corpo. Todos coçavam agora o peito e os sovacos, sonhando por amanhã para poderem mergulhar completamente no tanque feito piscina. Não paravam de cheirar as pernas, deliciados com o perfume que elas tinham agora.

Os lupis ficaram o resto do dia à beira do tanque, vendo os jacalupis a jacarejar na água lilás. Até esqueceram de subir às árvores para comer. Só no fim da tarde se lembraram, com a fome a apertar. Os jacalupis não saíram do tanque e nessa noite dormiram em jejum.

7 Disputa e acordo



NO DIA SEGUINTE DE MANHÃ, ESTAVAM OS LUPIS COM AS PERNAS MERGULHADAS NO TANQUE, À ESPERA QUE APARECESSE ALGUM CIENTISTA QUE OS AUTORIZASSE A MOLHAR O TRONCO. Mas eles estavam fechados com os seus adjuntos e mais o lupi-cobaia. Os jacalupis, que sempre acordavam mais tarde, desta vez vinham mais cedo. Aproximavam-se do tanque.

– Olhem – disse o lupi-pensador. – Os jacalupis vêm expulsar-nos. O lupi-sábio disse hoje podíamos banhar-nos por inteiro. Não vale a pena esperar mais, lupi-lupi-lupi.

Foi o sinal pretendido. Todos começaram a nadar no tanque, esfregando-se ao mesmo tempo para acelerar o desaparecimento das comichões.

Vieram entretanto os jacalupis e atiraram-se pesadamente para o tanque, chega pra lá. Os lupis foram expulsos. Protestaram, mas adiantou? Nada feito.

– Nós só temos direito a um tempinho e vocês ficam o dia inteiro aí? – disse o lupi-pensador, muito zangado. – Não há direito, somos todos iguais.

– Tu, velho cambuta, cala essa boca, se não queres masé uma chapada¹⁸, jac-jac-jac – disse jacalupicamente o jacalupi-capitão.

Os outros jacarejaram, aprovando, todos contentes. Os lupis, impotentes, ficaram só a olhar para eles.

- Fomos nós que construímos o tanque - disse um lupi. - Eles ficaram a ver o trabalho.

- Ontem não comeram - disse o lupi-poeta. - Hoje não lhes damos comida e acabou-se.

- Lupi-lupi-lupi, boa ideia - disse o lupi-pensador. - Vamos colher a nossa fruta e comer tudo. Para eles nem uma manga. Assim aprendem.

Os lupis foram embora, enquanto o tanque se enchia completamente de água lilás, com os jacalupis dentro. O dia passou e estes não reclamaram comida. Só à noite se queixavam, tinham fome. Mas nada havia para eles.

Na outra manhã, os lupis discutiram o assunto com a presença do lupi-sábio, do kimbanda e mais adjuntos e assistentes. Mergulhados na piscina. Enquanto os jacalupis não chegavam.

- Parece que o nosso plano não dá grande resultado - começou o lupi-pensador. - Tomam banho e não comem. A água lilás alimenta, lupi-sábio?

- Creio que não. Mas, como já notaram, ela dá uma grande alegria. Isso engana a fome. Mas o corpo deles deve estar a reclamar comida. Mais um dia sem se alimentarem e vão aceitar discutir.

- É triste não lhes dar de comer, lupi-lupi-lupi... - disse a lupi-professora.

- É verdade - concordou o lupi-kimbanda, o marido. - O nosso filho passou a noite a chorar por comida. Faz-me pena, acho que não é a solução.

- Tem pena deles, que não têm pena de nós - disse o lupi-poeta. - Eu gosto de todos os lupis, das flores e do sol. Mas não dos jacalupis, que nos fazem mal. Deixem de ser egoístas e passo a gostar deles.

- Não - disse o lupi-cobaia - eles não são maus. É preciso compreendê-los. Não fazem por mal.

- Ora, tu és bom demais, lupi-cobaia - disse o lupi-pensador. - Não serves para conselheiro nesta maka.

- Quero o bem de todos, lupi-lupi-lupi - se queixou docemente o lupi-cobaia.

– E todos queremos o teu bem, lupi-lupi-lupi – disse o lupi-poeta. – Mas quanto aos jacalupis, acho que esta solução não é boa. Proponho...

Interrompeu-se porque o jacalupi-capitão deixou-se cair no tanque, pisando-lhe um pé. Como a água lilás enchia por completo a piscina, uma parte derramou para fora. Depois outro jacalupi mergulhou, e mais outro... Os lupis retiraram, perdida a alegria provocada pela água lilás. O lupi-pensador propôs então:

– Agora que eles vieram, vamos para o Cume do Sol continuar a reunião.

Subiram todos o Cume do Sol, já sem comichões de espécie nenhuma. O pelo deles brilhava mais e estava infinitamente macio. Efeito da água lilás, sem dúvida. Chegados ao cume, sentaram em roda no chão. O lupi-poeta nem olhou para baixo, não contemplando o lindo panorama do rio Lupi a correr entre os vales. Nem reparou no Cume Lupi, a brilhar radioso ao sol, lá do outro lado da montanha. Estava nervoso e falou logo-logo:

– A proposta que ia fazer quando aquele jacabruto me pisou...

– Nada de ofensas, lupi-lupi-lupi – ralhou a professora.

– Está bem, desculpe. Fomos nós que construímos o tanque. Pois bem, se eles não nos deixam banhar à vontade, vamos destruir o tanque. Não são capazes de o refazer, são preguiçosos e estúpidos.

– Isso nunca – gritou o lupi-sábio. – Uma coisa que construímos com as nossas mãos... Uma obra tão benfeita...

– Fazemos outra ainda melhor – insistiu o lupi-poeta.

– Não me parece a solução acertada – disse o lupi-comerciante. – É perder trabalho e tempo.

– Pois eu acho que o lupi-poeta tem toda a razão – disse o lupi-pensador. – É só uma perda temporária. E aquele tanque é pequeno demais. Foi feito à pressa e sem experiência. Num dia ou dois fazemos outro. E os jacalupis aprendem com a lição. Não tomam banho e a fome vai apertar com eles. Aí rendem-se e aceitam um acordo.

– Penso, no fundo é melhor isso que matá-los à fome – disse a lupi-professora.

O lupi-sábio não estava de acordo. Uma obra era uma obra, um progresso, nem mesmo o seu criador tinha direito de a destruir. Os lupões, de um modo geral, também não concordavam. Chegou-se pois a um compromisso. O lupi-diplomata, um lupão que nunca dava uma opinião precisa e era muito hábil em discussões difíceis, ia negociar com os jacalupis. A ameaça era de se destruir o tanque. Iam ver qual a resposta dos jacalupis e depois tomavam a decisão. Todos aceitaram e o lupi-diplomata foi falar com os adversários.

O jacalupi-capitão era o menos lento a pensar. Por isso, apesar de jovem ainda, começava a ter certa autoridade sobre os outros jacalupis. Escolheu o título de capitão e os outros reconheciam o mérito. E obedeciam. Ele percebeu a ideia expressa pelo lupi-diplomata primeiro que os amigos. Nem esperou para exclamar, irritado:

– Jac-jac-jac... Então estão ameaçar destruir o tanque se não dividirmos o tempo por igual. Espertinhos, jac-jac-jac...

Foi nessa altura que os jacalupis compreenderam tudo e começaram a jacarejar, agora zangadíssimos.

– A nossa resposta é a seguinte – disse o jacalupi-capitão. – Se destroem o tanque, nós destruimos a vocês, jac-jac-jac. Aos bocadinhos...

O lupi-diplomata tentou argumentar. Havia lupis que os queriam deixar morrer de fome. Esta proposta que ele fazia era boa para todos. Mas interrompeu o discurso, pois nesse momento os outros jacalupis entenderam a resposta do capitão e aplaudiram ruidosamente.

– Já falamos, jac-jac-jac – disse o jacalupi-capitão. – À noite têm todo o tempo para vir tomar banho. Enquanto nós dormimos.

– À noite faz frio. Ninguém gosta de tomar banho à noite.

– À noite, à noite – aplaudiram os jacalupis.

O lupi-diplomata veio todo triste contar do fracasso da sua missão. Triste e envergonhado, pois era raro falhar numa negociação. Para justificar, explicou que os jacalupis eram mesmo incivilizados, não conheciam as regras da diplomacia, só respeitavam o argumento da brutalidade. Trogloditas, murmurou entre dentes, muito vexado nas suas bochechas redondas.

– Não dizia? – falou o lupi-pensador. – Só aprendem pela força. Temos de lhes mostrar a nossa força, vamos destruir o tanque.

– Esperem, esperem – disse o lupi-contabilista, outro lupão. – E a água lilás que está lá dentro perde-se?

– Há mais na fonte – disse o lupi-poeta. – Já está a transbordar.

– É uma pena, é – disse o lupi-comerciante. – Era preciso arranjar um meio de aproveitar aquela riqueza. Nunca se deve desperdiçar nada.

– Não há outro meio – disse o lupi-pensador. – Vamos masé dar-lhes a lição. E hoje não comem outra vez, lupi-lupi-lupi.

O lupi-sábio continuava a não estar de acordo, mas agora era o único. Retirou-se para o seu laboratório, abanando mudamente a cabeça. Um lupão, que tinha a inútil mania de guardar sempre comida numa gruta só conhecida dele, onde se deleitava a contar pitangas, maboques e outras frutas, todas bem alinhadinhas e em divisões separadas, por isso sendo chamado trocistamente de lupi-armazenista, pediu a palavra. Disse que o lupi-comerciante tinha posto uma dúvida de fundamental importância. Por isso sugeria, vamos arranjar todas as cabaças que pudermos e recolhemos aí a água que se escoar do tanque, o que lhes permitiria se lavarem enquanto durasse a crise. Foi muito aplaudido pelos outros lupões e ganhou direito ao seu nome de lupi-armazenista sem mais zombaria.

Os lupis foram assim buscar todas as cabaças e recipientes disponíveis. Aproximaram silenciosamente do tanque, evitando lupilar, para não chamarem a atenção dos jacalupis. Enquanto estes jacarejavam satisfeitos dentro da água, os lupis retiraram algum do barro que tinham posto entre as pedras. Com a água que começou a sair pelos buracos, enchiam as cabaças e iam pendurá-las no alto das árvores, para ficarem ao abrigo dos jacalupis. Estes notaram a água lilás desaparecer dentro do tanque, mas não entenderam a razão nem se deram ao trabalho de a procurar. Só quando estavam já no seco é que o jacalupi-capitão reagiu.

– Bandidos, jac-jac-jac! Roubaram a nossa água.

Os outros todos se levantaram penosamente. Da fonte saía o fiozinho de água lilás de sempre, que não dava para ninguém se banhar.

Avançaram para a aldeia, furiosos, tentando apanhar um lupi. Mas estes estavam todos em cima das árvores, comendo fruta e lavando-se com a água lilás das cabaças. Lupilavam alegres como nunca. Os jacalupis gritavam ameaças no chão, mas perfeitamente impotentes. Se tentavam subir, o que faziam cada vez mais lentamente, os lupis mudavam de árvore, saltando de galho em galho. E eles voltavam para baixo, cansados e ainda mais desesperados. E com fome. Cada vez mais fome. Foram às cubatas vasculhar, não encontraram fruta nenhuma. Voltavam para baixo das árvores, lamentar e ameaçar ao mesmo tempo. Os lupis, embora no fundo tivessem pena deles, fingiam que nem reparavam nos lamentos. E lupilavam, se lavando e comendo as mangas amarelinhas ou as saborosas nêsperas.

À noite, os jacalupis foram dormir para as cubatas chorando de fome e raiva. Os lupis pais de jacalupis estavam quase a desistir do castigo. Mas os outros encorajavam:

– Calma, deixem-nos passar a noite assim mesmo. Nós dormimos aqui. E amanhã eles vão ceder, lupi-lupi-lupi.

O sol da manhã veio encontrar os jacalupis mais magrinhos, todos fracos e humildes. Vieram para baixo das árvores pedir comida e prometer não vamos ser de novo egoístas.

– De manhã tomamos nós banho e à tarde vocês – resumiu o lupi-pensador. – Estão de acordo?

– Estamos – disse o jacalupi-capitão. – Mas nos deem comida.

– Já sabem – disse o lupi-pensador. – Se voltarem a abusar, fazemos o mesmo ou até pior. Lupi-lupi-lupi!

– Prometemos, jac-jac-jac.

Os lupis colheram fruta para eles. Os jacalupis comeram sofregamente e logo ficaram a dormir, mesmo na sombra das árvores. Os lupis foram então reparar o tanque. Aproveitaram para o aumentar um pouco e atiraram lá para dentro a água lilás que ainda tinham nas cabaças.

Dançaram e lupilaram à volta do tanque, festejando a vitória. Três dias depois, o tanque estava de novo cheio. E o acordo foi respeitado.

18 Bofetada, tapa.↵

8 Os bichos da planície



OS LUPIS TINHAM BOAS RELAÇÕES COM ALGUNS ANIMAIS DA PLANÍCIE. Em particular com o cágado e a cabra-de-rabo-de-leque¹⁹. Muitas vezes se visitavam. Os lupis gostavam muito da prudência e sabedoria do cágado. Sobretudo o lupi-pensador e o lupi-sábio, seus grandes kambas²⁰, que tinham conversas profundas com ele, a tentar descobrir sentidos escondidos na desordem babélica deste mundo. A cabra-de-rabo-de-leque era muito meiga e bondosa, com aqueles olhos assustados e cheios de ternura. Também o esperto coelho, o Kandimba²¹, vinha muitas vezes à montanha. Os lupis lupilavam de gozo até se reboarem no chão com as divertidas anedotas e mujimbos que ele contava.

Os animais maiores, como o elefante, o búfalo e o próprio rinoceronte, não tinham relações nenhuma com os lupis. Ignoravam-se. Os lupis nunca desciam da montanha para ir à planície e, depois da expulsão dos rinocerontes, estes não mais subiram à montanha. E passaram o mujimbo dos seus tormentos aos elefantes e búfalos, os quais não ousavam pisar território lupi, certamente com medo de ficarem arrasados dos nervos.

Com os carnívoros, as relações eram francamente más. Uma ou outra vez que algum lupi se aventurou fora da montanha passou momentos difíceis. Onças²² ou leões corriam logo atrás dele para o devorar. Só a rapidez e esperteza do lupi conseguia evitar o pior. Por vezes também os carnívoros tentaram subir à montanha e causaram o pânico. No entanto, era muito raro acontecer. Parecia, os carnívoros também evitavam o território lupi. Por terem os

ouvidos muito sensíveis?

O tanque estava de novo cheio, e os sábios se afadigavam nas análises e experiências, quando apareceu o cágado, acompanhado pela cabra-de-rabo-de-leque. Vinham visitar os amigos. E ficaram maravilhados com a descoberta da água lilás. O lupi-pensador convidou os amigos a darem um mergulho no tanque. A cabra logo o fez e nadava toda satisfeita lá dentro, no meio dos lupis.

– Muito obrigado pelo convite – disse o cágado²³. – Mas não sei nadar. Mesmo se me virasse de costas na água, isso não daria certo. Os bichos ainda não inventaram o barco à vela. Deixem-me só aspirar este perfume fantástico.

A lupi-professora encheu uma cabaça com o líquido do tanque e deitou nas costas do cágado. Ele começou logo a rir, todo contente, com aquele riso fundo e discreto dos cágados.

– Fiquei muito bem-disposto e cheiroso. Há muito tempo não ria tanto.

A cabra saiu do tanque, sacudindo-se, toda feminina. Foi observando as pernas, depois o peito. Gritou alegre:

– Não tenho nenhuma carraça. E andava há tempos com uma doença de pelo que me desfeava. Parece que desapareceu.

– É, a água lilás cura as doenças de pele e de pelo – disse o lupi-pensador.

– Pois o mocho-kimbando conseguiu de tratar a minha doença – disse a cabra. – E paguei-lhe os tratamentos com massango²⁴ todos os dias.

– Eu não tenho carraças – disse o cágado. – Mas só este perfume vale por tudo. Se não se importam, de vez em quando venho arranjar uma cabacinha de água para me deitar sobre a carapaça.

– Claro, claro, à vontade – disse o lupi-poeta.

E deram uma cabaça a cada um, para cheirarem e se lavarem em casa. Os dois amigos desceram a montanha todos felizes, o cágado mais rápido do que nunca. Até desafiou a cabra-de-rabo-de-leque para disputar uma corrida. Mas essa estória vocês já conhecem...

19 Pequena gazela, de cor castanha e branca. Possui uma prega de pele nos quartos traseiros, exibindo esse “leque” quando está assustada ou por exibicionismo.↵

20 Amigos.↵

21 Esse nome próprio deriva de “ondimba”, que significa coelho – símbolo da astúcia e da esperteza.↵

22 Guepardos (chitas) e leopardos, designação popular em Angola.↵

23 Jabuti, no Brasil, e não o quelônio de água doce.↵

24 Cereal utilizado para a fabricação de farinha ou de bebidas.↵

9 O lupi-comerciante tem ideias



O LUPI-COMERCIANTE TINHA OBSERVADO TODA A CENA DO CÁGADO E DA CABRA COM O SOBROLHO FRANZIDO, A PENSAR, A PENSAR. Quando os amigos da planície foram embora, ele falou para o lupi-contabilista:

– Estava aqui a pensar. Podemos aproveitar a água lilás para fazer negócio com os bichos da planície.

– E o que é negócio?

– Se eles gostaram da água lilás, vão contar aos outros. Qualquer dia estão aqui todos. Podemos ganhar com isso.

– E o que é negócio? – repetiu o contabilista.

– Vem comigo.

O lupi-comerciante e o contabilista aproximaram-se dos que ainda estavam no tanque a lupilar. O comerciante sentou-se na borda, com as pernas dentro da água. Aproveitou uma pausa na lupilagem para dizer:

– O tanque transborda já. Quando à tarde os jacalupis mergulharem nele, uma parte da água vai se perder. Podíamos aproveitar essa água a mais e com lucro.

– Como, como? – perguntaram os outros.

– Fazendo outra piscina mais abaixo, onde caísse a água lilás que vai sobrar deste tanque.

– Uma piscina para nós e outra para os jacalupis? – perguntou o lupi-poeta. – Boa ideia, podíamos tomar banho todo o dia, lupi-lupi-lupi.

– Não estava a pensar nisso – disse o lupi-comerciante. – Uma piscina para os nossos amigos da planície. E pagam para tomar banho.

– Pagam? – perguntaram os outros, espantadíssimos.

– Então? – disse o lupi-comerciante. – A água é nossa, o trabalho de fazer a piscina é nosso. Nada mais justo que paguem para tomar banho. E podem até levar cabaças de água para a planície. Pagando, claro.

Os lupis coçaram as cabeças. Nunca tinham vendido nem comprado nada a ninguém, era de fato uma ideia totalmente nova. Se admiraram do lupi-comerciante, que conseguira ter uma ideia daquelas. Disparatada para muitos. Sobretudo para o lupi-poeta, o qual, por deformação do ofício, tinha uma intuição mais apurada. Logo sentiu, embora muito confusamente, que se estava a fazer um progresso na História. Só que o peito apertado não lhe garantia que fosse para bem. Talvez por isso achasse a ideia disparatada.

– Mas pagam com quê? – perguntou a professora.

– Com frutas, com que havia de ser? Todos gostamos de maboque, que não temos na montanha. Só comemos quando algum dos nossos amigos da planície se lembra de nos trazer um. Lembram-se quando o lupi-maluco foi à planície nas suas tresloucadas divagações e trouxe mirangolos²⁵? Todos gostamos. E as matunduas²⁶? Há muita fruta na planície que podíamos ter, para variar a alimentação.

A lembrança daquela fruta apetecível que tinham provado um dia fez crescer água na boca dos lupis.

– E sape-sape²⁷ também – disse o lupi-pensador. – Adoro sape-sape, lupi-lupi-lupi.

– Nonas²⁸? – perguntou a lupi-professora. – Podíamos ter nonas?

– Podemos ter tudo isso – disse o lupi-comerciante. – Basta fazer uma nova piscina e lançar o mujimbo na planície.

Os lupis deram vivas ao sentido prático do comerciante, um gênio para os negócios, palavra que conheciam agora. Atiraram-no para o tanque, como prêmio. Só o lupi-poeta ficou alheado,

coçando a cabeça. Os outros fizeram tanta festa, tanto barulho, que os sábios apareceram a saber o que passava. Depois de ouvirem a proposta, o lupi-kimbando disse:

– Temos de pensar bem. Esses bichos têm muitas doenças. Vão trazer as doenças para cá.

– Tomam banho num tanque diferente, não há perigo de nos passarem as doenças – disse o lupi-advogado, um lupão. – E a água lilás cura todas as doenças.

– Isso é que não sabemos – disse o lupi-sábio.

Mas a ideia de terem as frutas da planície venceu todas as hesitações. E começaram logo a construir a piscina, uns metros mais abaixo. A água que ia transbordando do primeiro tanque era recolhida por troncos de bambu e canalizada para o segundo tanque. Quando chegou a tarde e os jacalupis apareceram, viram aquela azáfama toda e foram informados do que se decidira.

– Formidável, jac-jac-jac! – disse o jacalupi-capitão. – Foi uma grande ideia. Sempre achei o lupi-comerciante o mais inteligente de todos, logo a seguir a mim. Jac-jac-jac, vamos nos entulhar de frutas boas.

E os jacalupis atiraram-se para dentro do primeiro tanque, todos satisfeitos. Ficaram lá a jacarejar, sonhando já com as frutas da planície.

À tardinha o tanque novo estava pronto. Era muito grande. Também tinha de ser, pois os antílopes, mesmo os mais pequenos, ocupam muito espaço. Feito com esmero, nem uma gota de água lilás se perderia. Durante a noite começou a encher.

No dia seguinte apareceu Kandimba, o coelho. Tinha ouvido o mujimbo pela cabra-de-rabo-de-leque e vinha pedir aos amigos licença para dar um mergulho, de modo a acabar com as comichões persistentes nas orelhas compridas. Ficou a tomar banho com os lupis no tanque velho. Foi uma lupilagem como nunca se vira antes. As anedotas do coelho eram ainda mais saborosas, ou porque o seu talento aumentou ou porque os lupis tinham adquirido ainda maior sentido do humor. Por causa da água lilás, evidentemente. Isto também o coelho notou. Depois de totalmente livre da coceira, perguntou:

– Para que é aquele outro tanque?

– Aquele é para vocês, os bichos da planície – disse o lupi-comerciante. – Hoje tomaste aqui banho conosco, foste nosso convidado. Agora podes ir avisar os outros. Há um tanque novo, só para vocês. Dentro de dois dias está quase cheio e já podem vir usá-lo.

– São mesmo uns lupis fixes²⁹ – disse o coelho.

– Mas isto tudo custou trabalho – disse o lupi-advogado. – E o trabalho deve ser recompensado, claro. Portanto, quem quiser vir tomar banho tem de trazer fruta para nós. É correto, não?

– É correto, sim – concordou o Kandimba. – Na planície não se faz nada sem ser pago. São novas formas inventadas lá pelos sábios. Anda toda a gente à procura de um nome para isso...

– Podia ser economia de mercado – disse o lupi-comerciante. – Mas para inventar nomes, o lupi mais forte é o poeta.

Este encolheu os ombros, como quem diz essa não é a minha área de interesse. E assim foi inventada a palavra pelo lupi-comerciante, a qual um dia chegaria às orelhas duras dos homens. Porém, o lupi-comerciante também não deu muita importância ao fato e continuou:

– A ouvir a conversa da cabra-de-rabo-de-leque é que tivemos a ideia. Quer dizer, eu tive a ideia, lupi-lupi-lupi. A cabra contou como pagou o tratamento falhado ao mocho-kimbanda e aí eu lembrei-me...

– Uma grande lembrança, uma grande lembrança – elogiou o coelho. – Vou avisar os outros.

Lá foi para a planície passar o mujimbo, em cuja arte ele era sem dúvida o mais competente dos bichos. O mujimbo estourou pela planície como trovada no planalto central. Assim, a montanha se foi animando com os clientes que apareceram para tomar banho, carregados de cestas de frutas. Uns traziam mais que outros, mas a quantidade ainda não estava regulamentada. O lupi-comerciante não teve a genialidade para descobrir nome bem apropriado para essas constantes excursões dos bichos para a montanha. E os restantes lupis andavam distraídos com outros interesses. Só essa distração explica o muito tempo que teve de esperar até a palavra turismo ser inventada.

No entanto, logo se pôs uma maka que se tornou muito

animada: quem tinha direito de ser cliente? Os lupis cambutas, liderados pelo lupi-pensador, queriam que apenas fossem admitidos os pequenos herbívoros e os roedores. Eram afinal os amigos dos lupis. Nada de pacaças³⁰ ou hipopótamos, nem os onjiris³¹ com seus grandes cornos. E os carnívoros, então, nem falar. Aproveitavam o pretexto de tomar banho para matar os herbívoros e os próprios lupis. Uma grande discórdia se gerou. Pela primeira vez na história da montanha os jacalupis também quiseram participar nas discussões.

O lupi-comerciante liderava o grupo que queria aceitar todos os herbívoros, mesmo os grandes. E tinha um aliado forte, temível polemista, o lupi-advogado mais as suas belas frases:

– Como são maiores, pagam mais. Esses mastodontes é que vão trazer muita fruta. Até vamos arrotar.

Claro que os jacalupis apoiavam as ideias do lupi-comerciante, comilões como eram. E os cambutinhas tiveram de ceder. Mas todos estavam de acordo que os carnívoros não podiam vir, nem mesmo os pequenos e covardes mabecos³², que só encontram coragem nas matilhas. E foi decidido fazer um caminho especial para os grandes herbívoros, de modo a não incomodarem os lupis.

O lupi-contabilista foi eleito gerente da piscina. Ele é que devia cobrar as entradas. Seria dele a ideia de estabelecerem uma quota mínima de entrada. O lupi-comerciante era o inspetor-geral, fiscalizava os preços e as contas. Era também o lupi-comerciante que decidia a divisão da fruta da planície pelos lupis. O que sobrasse iria para a gruta do lupi-armazenista.

25 Fruta tropical, do tamanho de uma cereja.↵

26 Fruta silvestre.↵

27 Fruta-do-conde.↵

28 Fruta tropical.↵

29 Muito bons.↵

30 Espécie de búfalo africano.↵

31 Variedade de antílope.↵

32 Cão selvagem.↵

10 O apetite dos jacalupis



A VIDA MUDOU COMPLETAMENTE NA MONTANHA. Agora o centro já não era a aldeia, mas o Morro da Poesia. O lupi-poeta não andava nada contente. Com a animação e barulho à volta dos tanques, o Morro deixou de ser um lugar calmo. Quero fazer uma canção à água lilás, mas este barulho impede-me de fazer poemas, não dá para concentrar, se queixava ele aos amigos. Não tinha feito mais nenhum poema. E a água lilás merecia, não um, mas muitos. Além disso, tinha aquele pressentimento, o qual não o deixava desfrutar em paz do bem que descobrira.

Os outros lupis estavam satisfeitíssimos, pois não tinham comichão e comiam agora as belas frutas da planície. Os mais felizes de todos pareciam ser os jacalupis, cada vez mais gordos e reluzentes. A alegria aumentou quando o lupi-sábio anunciou uma nova utilidade da água lilás: descobriu que algumas gotas na fogueira faziam-na iluminar mais e durante a noite inteira. À noite fizeram a experiência. As quatro fogueiras da aldeia iluminavam mais que a lua cheia. Claro que a descoberta serviu de pretexto para fazerem uma festa durante grande parte da noite.

No entanto, no entanto, apareceram sinais inquietantes...

Um dia, o amigo cágado veio discretamente falar com o lupi-pensador. Se fecharam os dois em casa do lupi. Depois de beber um sumo misto de pitanga e hortelã, bebida preferida pelos cágados antes mesmo de aprenderem a falar, o visitante falou de jeito grave:

- Na planície preparam-se coisas más para vocês. Os carnívoros estão ofendidos e furiosos, porque não são aceites como clientes. Até as onças e os leões, eternos inimigos, fizeram um acordo. Também querem ter acesso à água lilás. Reuniram com os mabecos, as hienas, as raposas, todos. Talvez fosse melhor chegar a algum compromisso.

- Impossível. Vêm aqui e matam os herbívoros e a nós também.

- Podem vender-lhes só cabaças de água lilás. Os carnívoros não gostam de nadar. Devem se contentar com as cabaças.

- Isso já é uma solução. Vou falar com os outros. Obrigado pelo aviso, lupi-lupi-lupi. E beba mais um sumo.

- Nunca nego um sumo misto. E esta vossa hortelã é maravilhosa.

- Segredo meu que lhe passo com agrado - bichanou o lupi-pensador. - Deixo-a ficar de véspera num pouco de água lilás.

O lupi-pensador convocou o conselho dos lupis para discutirem o assunto.

Entretanto, a hiena tinha sido secretamente escolhida pelos carnívoros para tentar alguma coisa e isso o cágado não sabia. *[Aqui é necessária uma explicação que avô Bento não introduzia no relato: a hiena foi escolhida porque ela era muito astuciosa e falsa. Parecia que estava sempre a rir, quando arquitetava malandrices do tamanho de um imbondeiro³³. E tinha a mania de querer saber de tudo o que se passava com os outros, usando agentes e informadores. Foi de fato a hiena o primeiro organizador de serviços secretos, embora os historiadores neguem essa evidência.]* Antes da reunião dos lupis, a hiena mandou o lagarto azul, que era aceite como cliente na piscina por se limitar a comer pequenos insetos, falar com o lupi que lhe parecesse mais fácil de convencer. Pois bem. O lagarto azul pensou, pensou. Conhecia bem os lupis e logo descobriu a armadilha. Foi conversar com o jacalupi-capitão.

- Olha, trago-te um presente da hiena.

- Da hiena, a malcheirosa? - perguntou o jacalupi-capitão, muito desconfiado, pois nenhum lupi gostava desse animal que se desequilibrava nas pernas. - Que quer a hiena, jac-jac-jac?

- Mandou-me entregar-te isto para provares. Nunca na tua vida

inteira comeste coisa tão boa. É carne-seca.

– Só como fruta, jac-jac-jac.

– Pois é, eu sei. Mas prova, para ver se não é mesmo bom. E ficas com a força dos grandes carnívoros, se comeres muita carne.

O argumento era convincente para quem só apreciava a razão da força. O jacalupi-capitão trincou um pedacinho, muito desconfiado e com medo de vomitar. A carne provinha do lombo de uma cabra-de-rabo-de-leque, cliente habitual da piscina. Ficava muito mais saborosa depois dos banhos na água lilás e isso os carnívoros tinham notado logo. O jacalupi-capitão, apesar da reserva inicial, apreciou e comeu mais, agora com gulodice.

– A hiena manda dizer que podem ter a carne que quiserem. Basta que os deixem tomar banho na piscina. E não adianta impedir. Se for preciso, eles empregam a força.

O jacalupi-capitão foi para a reunião dos lupis muito perturbado. Quando, no conselho, ouviu o relato feito pelo lupi-pensador, resolveu intervir.

– De fato, devemos fazer qualquer coisa. Podemos ganhar com a entrada dos carnívoros na montanha, jac-jac-jac.

Foi uma grande confusão. Os próprios jacalupis não compreendiam a posição do capitão, que há muito se tinha revelado ser o chefe natural deles. Os lupis mais pequenos, então, estavam mesmo zangados com a posição do jacalupi-capitão. Nem o deixavam explicar nada. Até que o lupi-pensador conseguiu acalmar um pouco a assembleia e disse:

– Todos têm o direito de dar a sua opinião. O jacalupi-capitão que explique por que podemos ganhar alguma coisa.

– Eles têm carne-seca, jac-jac-jac. Provei e gostei muito. Podemos trocar.

Foi um escândalo. Um lupi comer carne, onde já se viu? As perguntas e as críticas saíam de todos os lados. Onde tinha provado? Quem lhe deu? De que bicho era a carne? Uma barafunda. O jacalupi-capitão era lento de raciocínio. Tinha muita dificuldade em responder a todas as perguntas, ainda por cima feitas ao mesmo tempo. Tomou a atitude jacalúpica habitual:

– Provem. Depois digam alguma coisa, jac-jac-jac.

– Comer a carne dos nossos amigos? – falou a lupi-professora. – Deixamo-los entrar na montanha, conviver conosco, e depois comemos a carne deles? Isso é muito feio, lupi-lupi-lupi.

Os jacalupis olhavam para o seu chefe, sem saber o que fazer. Até porque a discussão era muito rápida. Quando percebiam alguma coisa, já se estava a falar de outra. O jacalupi-capitão, muito atrapalhado, mas teimoso como só eles podiam ser, repetia, de dentes cerrados:

– Carne-seca é melhor que fruta, jac-jac-jac.

O lupi-pensador tinha muita dificuldade em disciplinar a reunião, pois falavam todos ao mesmo tempo. O lupi-comerciante, caladinho no seu canto, estava a pensar: se os jacalupis gostassem de carne, ia sobrar mais fruta para os outros lupis. A ideia talvez não fosse tão disparatada. Mas tinha de arranjar uma solução aceite por todos. Foi sentar ao lado do lupi-diplomata e ficou a segredar algum tempo com ele, enquanto continuava o tumulto na reunião. O lupi-diplomata, todo delicado, abanava a cabeça ligeiramente. Os outros continuavam a discursar todos ao mesmo tempo, e os dois lupões conferenciavam. Até que o lupi-diplomata pediu a palavra. O lupi-pensador viu que dali podia vir o auxílio e berrou a pedir silêncio, pois o diplomata estivera sempre calado. O lupão lá conseguiu fazer-se ouvir:

– A piscina nova já está a transbordar. Perdemos a água que sai dela? A ideia do cágado não é má, ele é um sábio. Podemos encher cabaças com água lilás e vendê-la aos carnívoros. Só na entrada da montanha. Que mal tem isso? Eles não precisam vir aqui.

– E pagam-nos com quê? – gritou o lupi-poeta. – Com a carne dos nossos amigos?

– Esse é o mambo – reconheceu o lupi-comerciante. – Não sei se têm outras coisas com que pagar.

– Jac-jac-jac – exclamou o jacalupi-capitão, mais audaz agora por sentir que podia ter o apoio dos dois lupões. – Quem quer comer carne, come. Quem não quer carne, come fruta.

Como não se chegava a acordo, a reunião foi interrompida para a refeição do meio-dia. O jacalupi-capitão foi logo procurar o lagarto azul, que estava na piscina à espera de ouvir os mujimbos da reunião. Não é de admirar, sempre foi o melhor aluno da hiena

nas coisas de espionagem, embora haja mesmo quem diga que foi ele a inaugurar tão controversa profissão.

– Vai à hiena pedir bastante carne-seca, jac-jac-jac. Quero que os outros jacalupis provem.

O lagarto disparou na corrida. Estava quase a recomendar a reunião quando ele chegou, muito cansado, a arrastar um saco de carne-seca. O capitão chamou os apaniguados e deu um pedaço a cada um.

– Provem para ver se não é bom, jac-jac-jac.

Os jacalupis comeram e gostaram. Foram para a reunião decididos a fazer valer o seu apetite. Quando o lupi-pensador deu por iniciado o conselho, os jacalupis todos começaram a bater com os pés no chão e a gritar queremos carne, queremos carne. Não havia possibilidade de discutir nada, pois os jacalupis não paravam de gritar e de bater com os pés no chão. Até que se cansaram. Falou então o lupi-pensador:

– Se não se calam, não vamos decidir nada, lupi-lupi-lupi.

– Não faz mal, jac-jac-jac – disse o jacalupi-capitão. – Eu cá vou encher a minha cabaça de água lilás e trocar na base da montanha por carne. Os outros façam o que quiserem.

– Não podes fazer isso – disse o lupi-advogado. – Só o lupi-comerciante e o lupi-contabilista podem negociar a água. Depois distribuem por todos. Assim é a lei.

– Se não chegarmos a acordo, é isso mesmo que vou fazer, jac-jac-jac. Vou vender a minha água. Não quero saber das vossas leis. E os outros jacalupis também. Cada um governa-se por si.

Os jacalupis aplaudiram barulhentemente. Voltaram a gritar, queremos carne, queremos carne. Os lupis protestavam, mas os outros continuavam o coro. Depois o jacalupi-capitão insistiu:

– Todos os lupis têm direito à água lilás. Pois bem, jac-jac-jac. Tenho o direito de fazer o que quero com a minha parte. É verdade ou é mentira? E apareça quem pode impedir.

Havia argumentos para contrariar o jacalupi. Mas os lupizinhos achavam não valia a pena discutir muita moral com ele. Um jacalupi é muito teimoso, não ouve as razões dos outros, só aquilo que lhe interessa. E por isso a discussão não avançava e

teve de ser adiada para o dia seguinte.

À saída, o jacalupi-capitão reuniu os seus amigos e foram encher cabaças com água lilás. Desceram a montanha com as cabaças às costas. Os lupis vinham atrás, protestando, mas não podiam fazer nada para os impedir. O lagarto azul já correrá à frente para avisar a chefe hiena e os restantes carnívoros. Quando os jacalupis chegaram à base da montanha, muito cansados por uma viagem que nunca tinham feito, carregando cabaças ainda por cima, estavam os carnívoros no vale onde o rio Lupi entrava na planície. Aquele era o único lugar de acesso fácil à montanha. Os lupis, lá em cima, lupilavam desesperados, vendo os jacalupis trocar as cabaças por quindas³⁴ de carne. A água era pouca para tantos clientes. Por isso os leões e as onças disputavam entre si e com as hienas e os mabecos, cada um oferecendo mais carne-seca que os outros, para ficar com uma cabacinha. Os carnívoros que conseguiram água lavaram-se ali mesmo, enquanto os jacalupis comiam a carne. Na despedida, combinaram outra troca para o dia seguinte.

Os jacalupis foram subindo a montanha, cada vez mais cansados. Como já sabemos, eles são muito preguiçosos e estão agora com a barriga cheia de carne... Só à noite chegaram à aldeia. Foram logo dormir.

– Não se preocupem – disse o lupi-kimbanda para os outros, quando estavam à volta da fogueira. – Eles são demasiado preguiçosos, não aguentam fazer essa viagem todos os dias. Nem com todo o apetite deles, lupi-lupi-lupi.

– Sabem o que penso? – disse o lupi-sábio, que sempre estivera calado. – Agora que os carnívoros provaram a água, vão querer mais. Se os jacalupis não a levarem, o que é o mais certo, eles vêm abastecer-se aqui mesmo.

A lupi-professora se levantou de um salto. Apontou a mãozinha para o lupi-sábio e falou, zangadíssima:

– E então? Vamos nós levar a água? Não estou de acordo.

– Não disse isso – se defendeu o lupi-sábio. – Só que agora o perigo aumentou.

O primeiro adjunto do lupi-sábio, um cambutinha muito novo mas excepcionalmente estudioso, teve uma ideia.

– Sabemos que os carnívoros têm medo do fogo. É pelo menos o que se diz.

– É verdade, comprovei – disse o seu mestre.

– Então podemos fazer fogueiras na base da montanha, lá onde o rio chega à planície. Com a água lilás o fogo nunca apaga.

– Ele tem razão, lupi-lupi-lupi – disse o lupi-pensador. – Basta pôr umas gotas de água lilás nas fogueiras, de manhã e ao anoitecer, que elas nunca apagam.

– Lupi-lupi-lupi! – gritaram todos.

E foram a correr, iluminados por archotes, para a base da montanha, acender dez grandes fogueiras que impediam os carnívoros de se aproximarem daquele lado. Pelos outros lados era muito difícil subir até a aldeia ou o Morro da Poesia. Mesmo as ágeis onças iam pensar duas vezes antes de tentar a escalada.

O poeta finalmente conseguiu lupilar um poema. Falava da beleza das fogueiras iluminando toda a base da montanha e pondo cores alaranjadas nas árvores e nas águas traquinas do rio Lupi. E foram dormir, mais tranquilos.

33 Baobá, árvore de grande porte, tronco muito largo e copa esparsa.↵

34 Cesta, tabuleiro.↵

11 A reunião decisiva



MAS AINDA SÓ TINHAM COMEÇADO OS PROBLEMAS SÉRIOS NA MONTANHA DA ÁGUA LILÁS.

Os jacalupis já não foram à continuação da reunião, no dia seguinte. Desceram logo a montanha com as cabaças para a troca. Só que, preguiçosos como são, levavam as cabaças cheias apenas até o meio. E, mesmo assim, demoraram muito mais tempo para descer que na véspera.

Entretanto começou o conselho, menos barulhento por causa da ausência dos jacalupis. Durante toda a noite o lupi-comerciante tinha estado a pensar. Antes da reunião, chamou os lupões e disse-lhes:

– Não se podem evitar as trocas com os carnívoros. Os jacalupis vão fazê-las, o apetite deles é grande. Ora devemos ser nós a fazer todas as trocas, como ficou combinado. Não devemos deixar o nosso direito nas mãos dos outros. É mesmo uma questão de dignidade. Se os jacalupis comerem carne, passam a comer menos fruta. E já não precisaremos subir às árvores para apanhar fruta. Teremos assim todo o tempo para os negócios. Os cambutas que subam às árvores, já que não têm o dom para os negócios. A minha opinião é que deve ser o coletivo da aldeia a fazer as trocas com os carnívoros. Quem quiser carne, come a carne. E sem moralismos piegas. São os nossos amigos que são comidos? Sempre foram, muito antes da água lilás. Quem somos nós para decidirmos quem, na planície, deve comer quem? Mas sou eu que inspeciono essas trocas todas, eu sou o inspetor-geral.

Os lupões concordaram. Uns ainda com hesitações, é certo, como o lupi-diplomata. Mas esse era mesmo o seu papel, não é assim? O lupi-comerciante impunha autoridade, por ser muito esperto nos negócios. E todos viam que era o único que o jacalupi-capitão parecia respeitar, o que lhe conferia mais prestígio junto dos seus pares lupões.

Na assembleia apareceram pois duas posições agora muito nítidas. Os cambutinhas não queriam nenhum comércio com os carnívoros. Mas se contaram. Já não tinham uma maioria absolutamente esmagadora como antes, pois tinham de levar em consideração a vontade dos jacalupis. E havia um novo campo, o dos que se abstinham. O primeiro a criar esse grupo foi o lupi-sábio, que se desinteressava sempre dos grandes debates, ansioso por voltar para as suas experiências, para ele mais importantes que tudo. Disse:

– Há duas opiniões, pronto, não se resolve nada. Vamos acabar com esta reunião inútil. Para o laboratório, lupi-cobaia.

O lupi-cobaia, mais os adjuntos do lupi-sábio, acompanharam o cientista. O lupi-kimbanda acabou por segui-los, embora a esposa, a professora, refilasse³⁵ com ele. Os cambutas que ficaram na reunião se olharam tristemente. Nem chegou a haver votação. Estava claro que o lupi-comerciante tinha ganho. Nem foi preciso o lupi-advogado fazer discurso.

Os lupões desceram a montanha, para ir avisar na planície que tinham decidido trocar água lilás com os carnívoros. Quando chegaram à base da montanha, ainda assistiram à confusão que lá havia. Os leões e as onças estavam furiosos com os jacalupis, porque as cabaças só estavam a meio. E tiveram de trocar uma cabaça, com menos água, pela mesma quantidade de carne da véspera. As garras estavam todas de fora, preparadinhas para umas patadas nos jacalupis, que se encolhiam uns atrás dos outros. Os mabecos e as hienas protestavam porque não tinham conseguido arranjar nenhuma água. A chefe hiena admoestava o lagarto azul, seu agente, que não tinha sabido defender os seus interesses, amanhã vais fazer um contrato com o jacalupi-capitão, a minha água é de borla e sem falhas, senão... O lupi-diplomata teve de se meter no meio daquelas garras afiadíssimas e daquelas

fauces arreganhadas, para acalmar os carnívoros. Os jacalupis escaparam assim de deixar alguns pelos na planície.

Quando os carnívoros se acalmaram um pouco, em especial os leões e as onças, com a fala aveludada do lupi-diplomata e também por efeito da água lilás com que se lavavam, o lupi-comerciante tomou a palavra:

– Se esperarem um pouco, vamos buscar mais água.

Os carnívoros ficaram à espera, enquanto os jacalupis, mais tranquilos, se banquetearam com a carne-seca. Os lupões subiram à fonte para atestar³⁶ mais cabaças.

– Atulhem as cabaças todas, mas vamos vender só às metades – recomendou o lupi-comerciante. – Eles refilam mas aceitam na mesma e ganhamos mais. Até porque o costume faz a lei. Lupi-advogado, prepara os argumentos.

Nesse dia arranjaram muita carne e os jacalupis estavam bem repletos. Mal conseguiram subir a montanha. Houve lupões que provaram a carne, já agora... Uns gostaram, outros não, lhes custava comer a carne dos antílopes que ainda ontem eram amigos. Não seria uma forma mitigada de antropofagia?, se perguntariam mais tarde. O que interessa são os negócios, rezava o lupi-comerciante, que nem quis provar a carne.

35 Respondesse asperamente.↵

36 Encher.↵

12 As modas da planície



É CLARO QUE OS JACALUPIS NUNCA MAIS SE MAÇARAM A IR VENDER ÁGUA LILÁS NA BASE DA MONTANHA. Ficavam só à espera que a carne lhes chegasse às mãos. Os carnívoros não ousavam avançar pela montanha por causa das fogueiras e recebiam a água pelas cabaças. Mas não estavam contentes, dizia o cágado aos lupis. Apesar de terem horror a banhos, não admitiam ser proibidos de chegarem até a piscina. Era uma exclusão inaceitável que atentava aos seus mais sagrados direitos carnívoros. Provavelmente porque aí caçariam com muito mais facilidade os antílopes todos aglomerados.

Assim iam passando os dias. Até que o lupi-sábio fez outra descoberta. Talvez fosse perigoso beber a água lilás, embora nada acontecesse ao lupi-cobaia que bebia todos os dias. Mas podia se gargarejar com ela e o mau hálito desaparecia. Era aconselhável para as hienas, que têm aquele mau cheiro por gostarem de comer carne podre, mas também para todos os bichos que comiam carne. Os jacalupis deixaram de arrotar, coisa frequente neles desde que tinham virado carnívoros. Podiam jacarejar melhor sem terem de arrotar, bastava gargarejarem um pouco todas as noites antes de dormir.

No entanto, havia uma mudança operada nos jacalupis, possivelmente por ação da água lilás: começaram a ter mais filhos, os quais cresciam mais depressa que os pais. Sempre jacalupis. E o apetite deles tinha aumentado. Não só o apetite de devorar comida, também o apetite de ter coisas.

Um dia, o lagarto azul trouxe uns ossos roídos ao jacalupi-

capitão.

– Isto agora é a grande moda na planície, foram os javalis que inventaram. Põe esses ossos nas orelhas.

Os jacalupis ficaram tão entusiasmados que obrigaram o lupi-comerciante a trocar água lilás também por ossos roídos. Todos os jacalupis passaram a usar ossos nas orelhas, depois pendurados no nariz. O lupi-comerciante achava ridículo, mas não se importava. Assim, os jacalupis andavam satisfeitos com ele e podia fazer outros negócios. Trocaram tantos ossos que os jacalupis já não tinham sítio para os pendurar. Como os lupis não tinham cauda e os jacalupis sempre invejaram as belas caudas dos macacos, amarraram os ossos a barbas de mulemba³⁷ e fizeram caudas de ossos que levavam a arrastar pelo chão, todos vaidosos. Aos lupis que os gozavam, eles diziam, cheios de empáfia:

– Ignorantes, jac-jac-jac! Não seguem a última moda da planície.

Mais tarde o lagarto azul, que era um grande espertalhão, veio com penas de pavão.

– Um chefe, na planície, tem de ter um distintivo. Um grande chefe, claro.

E o jacalupi-capitão obrigou o lupi-comerciante a comprar as penas de pavão. Quando os outros jacalupis também quiseram, ele disse, zangado:

– Ignorantes, jac-jac-jac! Não sabem nada das modas da planície. Só um grande chefe pode usar essas penas. E quem é o grande chefe aqui?

Os outros jacalupis se conformaram à sua vontade. E foi assim que o jacalupi-capitão, cada vez mais forte e vaidoso, passou a usar os símbolos da sua autoridade. Penas de pavão na cabeça. Assim era muito fácil distinguir onde estava o grande chefe dos lupis.

Chefe, claro, só aceite pelos jacalupis. Os outros riam-se da sua estupidez. A exceção era o lupi-comerciante, que os negócios tinham tornado muito manhoso e prudente. Ele não gozava as extravagâncias e até fingia estar sempre de acordo com o jacalupi-capitão. Pouco a pouco, os lupões também deixaram de rir.

Estas pequenas transformações inquietavam o lupi-pensador. Um dia levou o lupi-poeta para o alto de uma mafumeira, para conversarem à vontade.

– Já viste os lupões? Deixaram de subir às árvores para apanhar a nossa fruta. Agora só comem fruta da planície, dizem é melhor. E alguns até comem carne. Espero que não estejam a jacalupizar.

– Engordaram todos. E as partilhas são cada vez mais desiguais. Há quantos dias não comes fruta da planície?

– É verdade, é – disse o lupi-pensador. – Há pelo menos três dias que me não dão fruta da planície.

– É isso, lupi-lupi-lupi. O lupi-comerciante está a distribuir cada vez menos para nós. Só os jacalupis e os lupões têm direito ao produto das trocas? Não pode ser.

– Calma – disse o lupi-pensador. – Vamos falar com o lupi-comerciante.

Foram. O lupi-comerciante justificou:

– Recebemos pouca fruta, porque tivemos despesas suplementares. Só os ossos para as caudas dos jacalupis custaram cabaças e cabaças de água lilás. E as penas de pavão, então! Foi preciso caçar um pavão real, e as onças exigiram um preço caríssimo. Mais as comissões para a hiena e o lagarto azul, que foram os intermediários... Por isso houve pouca fruta para vocês.

– Nenhuma.

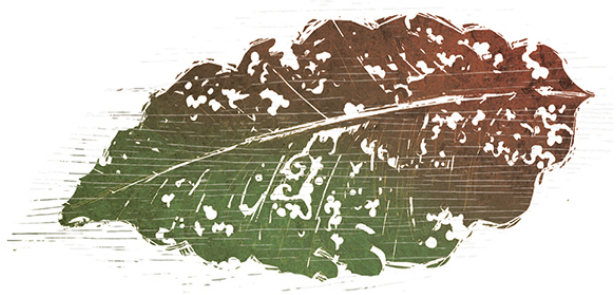
– Mas também podem aguentar uns dias. Vocês sobem facilmente às árvores.

Os cambutas não quiseram discutir mais. Mas não gostaram muito da explicação. Iam esperar para ver. Falaram com o lupi-kimbanda e os outros. O lupi-sábio andava metido em altos cálculos para descobrir uma nova aplicação da água lilás e não ligou à preocupação dos amigos. O caso ficou por aí e no dia seguinte receberam umas matunduas e gajajas³⁸ da planície.

37 As barbas são as raízes aéreas da mulemba, a figueira africana.↵

38 Cajá, fruto comestível agri-doce.↵

13 Os lupões jacalupizam



AS TRANSFORMAÇÕES NOTADAS NOS LUPÕES SE TORNAVAM MAIS NÍTIDAS. Engordavam por comerem muita fruta da planície e alguns até carne-seca. Por isso tinham cada vez mais dificuldade em carregar as cabaças de água lilás para o sítio da troca na base da montanha. E a necessidade de aumentarem as trocas de água era constante, pois agora os lupões também queriam ossos roídos e outras modas novas que o lagarto azul permanentemente trazia.

Sentindo aumentar as dificuldades de transporte, o lupi-comerciante foi falar com o jacalupi-capitão. Expôs-lhe o problema.

– Teremos de diminuir as vendas – concluiu. – Ou deixar que os carnívoros se venham abastecer eles próprios.

– Nenhuma das duas é uma boa solução – disse o jacalupi-capitão, ainda lembrado do susto por que passou quando os carnívoros se irritaram com eles na base da montanha. – Arranja outra, jac-jac-jac.

– Havia uma outra, mas é difícil. Obrigar os cambutas a transportar a água para baixo. São muito ativos, podiam fazer facilmente.

– É isso mesmo, jac-jac-jac.

– Eles sempre foram contra o comércio com os carnívoros. Vão se recusar.

– Eu posso obrigá-los, para isso sou o chefe.

O lupi-comerciante reuniu com os lupões e explicou. Estes aplaudiram unanimemente a ideia: andavam mesmo muito

cansados de carregar a água para os carnívoros todos os dias. Disseram em coro, o jacalupi-capitão é um grande chefe e o lupi-comerciante um grande conselheiro.

Quando o lupi-comerciante, acompanhado pelo advogado, foi falar com os cambutas a transmitir as ordens, eles recusaram logo.

– Só quem leva água pode receber frutas da planície – ameaçou o lupi-comerciante, todo nervoso.

– A água é de todos – protestou o lupi-pensador. – E são os herbívoros que trazem as frutas.

– Mas quem leva a água somos nós – disse o lupi-advogado. – Só nós trabalhamos nos transportes. Não está correto, o trabalho também deve ser para todos.

– Ninguém vos obrigou, levam porque querem – ripostou o lupi-poeta. – Por causa da carne para os jacalupis. Eles não disseram que iam levar a água? Por que se tornaram caxicos³⁹ deles então? Agora aguentem.

O lupi-advogado fez aquela pose de quem vai iniciar um discurso. Puxou o braço para trás das costas, levantou a cabeça. Mas o comerciante andava com pouca paciência e gritou:

– Não adianta discutir as ordens.

– Ordens? – perguntou o lupi-poeta. – Quem nos dá ordens?

– A culpa é do lupi-comerciante que aceita comprar todas as porcarias que são moda na planície – disse o pensador. – Agora até já as folhas roídas pelo salalé⁴⁰ são moda. Imaginem o ridículo, lupi-lupi-lupi!

Era a última compra. Folhas grandes de amoreira roídas pelo salalé, o que fazia desenhos bizarros. Os jacalupis andavam sempre com uma na mão. Não era para se abanarem ou se assoarem, o que ainda teria alguma utilidade. Apenas para se cumprimentar uns aos outros, abanando ligeiramente o braço sem mover o cotovelo. Treinaram bastante tempo, com o lagarto azul como professor, vocês estão finíssimos, são mesmo gente de qualidade superior. Como só na planície havia salalé, as folhas roídas eram caríssimas. Nenhum animal da planície as usava, era evidente. Mas montaram uma sociedade, presidida pela hiena,

como é lógico, para apanhar as folhas. A hiena e o lagarto azul estavam a ganhar muito com o negócio.

– Vocês falam, mas é uma moda linda, finíssima – disse o lupi-diplomata, que tinha acompanhado os amigos. – Vocês é que não têm civilização. Deviam saber que é pelas boas maneiras que se distinguem os seres refinados.

– Essa conversa não interessa – cortou o lupi-comerciante, cada vez mais autoritário em relação aos outros lupões. – O que interessa é isto. Nós formamos um grupo de vigilância. Se vocês recusam levar a água, ficam proibidos de tomar banho no tanque. E nunca mais veem uma fruta da planície.

E os lupões foram embora montar guarda à volta do tanque. Os cambutinhas ficaram mesmo desanimados. Realmente não podiam iludir a vigilância dos lupões. Um dia passou sem tomarem banho e sentiam muito a falta daquele perfume que os punha todos alegres. Reuniram à noite em cima de uma grande mulemba, enquanto lupões e jacalupis dormiam nas cubatas.

– Claro que o problema do transporte se pode resolver imediatamente – disse o lupi-sábio.

– Não queremos que se resolva esse problema – cortou logo o lupi-pensador. – Temos os mesmos direitos dos outros. Queremos apenas defender esses direitos, lupi-lupi-lupi.

– Bastava fazer umas canalizações com bambus e a água lilás ia até lá embaixo sozinha – continuou a pensar em voz alta o lupi-sábio.

– Lupi-lupi-lupi! – cortou o lupi-poeta. – O problema não está aí e não queremos que inventes essa solução falsa.

Um lupi que nunca falava, porque era o lupi-tímido, tomou surpreendentemente a palavra, cheio de trejeitos envergonhados:

– O problema está aí mesmo. Somos fracos e não podemos carregar toda a água que eles querem. A solução do lupi-sábio é boa. Não nos custa nada e podemos voltar a tomar banho no tanque.

A discussão aqueceu, porque o lupi-pensador e o poeta não estavam de acordo com os outros. Não queriam que se vendesse mais água lilás aos carnívoros, causa de todos os males deles. Mas

os outros lupis queriam tomar banho no tanque. O lupi-pensador argumentava, hoje é isto, amanhã será outra coisa que eles inventam para nos lixar. Nós resolvemos os problemas deles e criamos novos para nós. Argumentação inútil. A maioria estava com o lupi-sábio, que resumiu:

– Não se atrapalhem, lupi-lupi-lupi. Pensando um pouco encontramos sempre as soluções. Por isso somos sábios. A sabedoria resolve sempre tudo.

E acabou a reunião, com a derrota do pensador e do poeta, que se afastaram, todos tristes.

No dia seguinte, com a ajuda dos lupões, que foram cortar as canas de bambu, se fez a canalização. Era um tubo em zigue-zague, muito bem ligado para não deixar cair nenhuma gota, descendo desde a segunda piscina até à base da montanha. A água lilás vinha pelo tubo e caía nas cabaças. O lupi-contabilista vendia aos bichos da planície.

E o jacalupi-capitão deu outra ordem:

– Agora acabou essa estória de os antílopes virem aqui tomar banho, jac-jac-jac. Precisamos de uma piscina só para os jacalupis, a maior. Os herbívoros passam a comprar a água em cabaças lá embaixo, como os outros.

Os lupões concordaram, pois assim ficavam com o tanque pequeno durante todo o dia para se banharem. Mas a confusão estabeleceu-se na planície, pois os antílopes e roedores não podiam ir ao ponto de venda comprar água lilás, por medo dos carnívoros que iam ao mesmo sítio. E as vendas baixaram muito. Os jacalupis não se incomodaram, porque só queriam carne-seca e essa era sempre negociada pelos carnívoros. Mas os lupões preferiam ainda as frutas da planície e deixaram de as ter. Instalou-se o descontentamento nos lupões.

Compreendendo o perigo da insatisfação dos outros, o lupi-comerciante teve outra ideia das suas: como não podia exigir nada dos jacalupis, foi exigir dos cambutas que montassem outro tubo para abastecer só os herbívoros e roedores, noutro sítio da base da montanha. Senão...

– Senão o tanque pequeno fica só para os lupões.

Os cambutas protestaram, protestaram, mas tiveram mesmo

de montar o outro tubo. Menos o lupi-pensador e o poeta, que se recusaram.

– Não vos dizíamos? Hoje uma coisa, amanhã outra. Vocês aceitam sempre tudo. Ainda vão ser escravos deles, lupi-lupi-lupi.

Como os dois se recusaram a trabalhar, foram proibidos pelos lupões de ter fruta da planície e de tomar banho no tanque. Continuaram a subir às árvores para apanhar a fruta nativa. À noite, o grupo de vigilância dormia e eles iam se banhar. Era mais frio e incômodo, mas não se importaram demais, continuavam a ter a água lilás. Os dois passaram a viver cada vez mais em cima das árvores e a falar menos com os outros lupis.

Com os tubos separados, as vendas aumentaram muito. Os herbívoros protestavam sempre que tinham oportunidade, gostavam mais de se banhar. Mas aceitavam. E tinham de trazer muito mais fruta por uma cabaça de água, os preços da água lilás subiam. Sobravam frutas da planície e os cambutas começaram também a engordar e a ficar mais preguiçosos, já sem quererem subir às árvores para apanhar as frutas da montanha.

E o lupi-tímido espantou um dia os amigos, ao aparecer também com uma cauda feita de ossos roídos.

– Era só isso que me faltava, lupi-lupi-lupi. Agora já não tenho vergonha de nada.

A paz voltou a reinar na montanha. Menos para o pensador e o poeta. Se a lupi-professora falava ao lupi-comerciante para esquecer o castigo que impunha aos dois amigos, ele respondia:

– Esses dois são criminosos. Como diz o lupi-eremita, eles ofenderam o lupi-deus.

– O quê?

– Quem não aceita as ordens do jacalupi-chefe ofende o lupi-deus que fala pela boca dele.

A lupi-professora e os outros cambutinhas ficaram muito perturbados. Nunca tinham ouvido falar de um lupi-deus, conceito criado pelos lupões, ao que parece. Pelo menos o lupi-eremita era um lupão que de tanto contar e recontar sementes de abóbora ficou com visões de sementes entrechocando-se no ar e se recolheu a um local isolado no Cume do Sol.

39 Aduladores, bajuladores.↵

40 Cupim.↵

14 Os leões e as onças



OS LEÕES E AS ONÇAS, COMO JÁ SABEMOS, ERAM OS MAIORES RIVAIS NA PLANÍCIE. Estavam sempre prontos para fazer uma malandrice uns aos outros.

Os leões e as onças tinham a mesma ideia: se apoderarem da fonte de água lilás. Não tentavam nada, pois sabiam, o inimigo queria o mesmo. E temiam-se. Quem ficasse com a fonte tornava-se o mais forte e alegre, isso era certo. Portanto, tentavam ser muito simpáticos para os lupis. E deixavam-se ficar muito tempo na base da montanha, a espiar, espiar, estudando uma maneira de lá entrarem. Mas nada. Tinham medo daquela luz brilhante das fogueiras.

Um dia os leões consultaram os seus aliados, que eram as cobras. As cobras grandes não podiam entrar na montanha, pois as jiboias e surucucus engoliam carne. Mas as butas e outras pequenas podiam subir pelos rochedos e andavam lá no meio da montanha a caçar insetos. E metiam-se em qualquer buraco para ouvir uma conversa ou espionar os gestos de alguém. As butas vieram pois dar a ideia:

– Segundo os lupis, a água lilás tem aplicações ainda desconhecidas. É o que costumamos ouvir. A água lilás pode

servir para derrotar definitivamente as malditas onças. É só preciso descobrir como.

– Por aí não vamos lá – rosnou o leão-chefe, a sacudir a juba amarelecida. – Não sabemos como nos servir dela.

– Pois é – disse uma buta. – Mas os lupis podem saber. É preciso raptar um sábio deles.

A ideia foi aceite com alvoroço. Os leões mobilizaram as cobras pequenas, prometendo-lhes uma aliança forte, caso vencessem as danadas onças. E as cobras penetraram em bando na montanha. Infiltraram-se no laboratório e conseguiram trazer um dos adjuntos do lupi-sábio.

– Tens de inventar uma arma contra as onças. Senão és um lupi morto.

Aterrorizado com a ameaça do leão-chefe, dita daquela maneira imponente como falam os leões sempre a bocejar de tédio, o lupi-adjunto trabalhou sem dormir. Fez misturas e mais misturas, como aprendera com o seu mestre. E três dias depois, mais aliviado, disse para o leão-chefe:

– Descobri, lupi-lupi-lupi. Agora posso ir embora para a montanha.

O lupi-adjunto tinha deixado ferver durante umas horas uma panela de água lilás, com umas raízes e folhas especiais, mais as florzinhas brancas e tão insignificantes que nem nome têm. Ficou um líquido que fazia adormecer imediatamente quem o cheirava.

– Primeiro vamos experimentar – respondeu o leão-chefe. – Se não nos enganaste, então depois podes ir.

Entretanto, na montanha, todos procuravam o lupi-adjunto sem resultado. O rapto tinha sido organizado com mãos de mestre. Aliás, todos sabemos que as cobras foram sempre os maiores especialistas de raptos.

Os leões encheram cocos com o líquido e logo experimentaram. Atiraram os cocos à noite para o meio da aldeia das onças. Elas adormeceram instantaneamente. Os leões amarraram-nas e levaram para longe do seu território, quase na outra ponta da planície.

O lupi-adjunto foi libertado. Mas antes o leão-chefe convidou-o

a ficar na aldeia dos leões, como inventor.

– Serás um especialista cooperante bem pago.

O lupi desculpou-se com as saudades, não podia viver longe da montanha e do laboratório, embora ficasse muito honrado com a oferta. Os leões lamentaram, mas deixaram-no partir.

As onças dormiram durante três dias. Depois de acordarem, ainda levaram muito tempo a desatarem-se das cordas. Quando regressaram à planície, tontas e rotas de fome, os leões eram os únicos senhores do seu anterior território. Tinham obrigado as hienas e os mabecos a se aliarem a eles e tinham agora muito poderio. Sobretudo, as hienas passavam-lhes informações sempre atualizadas que lhes permitiam estabelecer rapidamente estratégias vencedoras. As onças perceberam, estavam irremediavelmente vencidas se não encontrassem depressa uma solução. Pensaram primeiro em se aliar aos elefantes e rinocerontes, os quais também não aceitavam a chefia dos leões. Mas eles imediatamente repudiaram a ideia: não queriam alianças com as onças, conhecidas por serem traiçoeiras e gente de pouca palavra.

O milhafre⁴¹, nada contente por ver os leões ficarem os grandes senhores da planície e com eles as cobras que eram temidas concorrentes na caça ao mpuku, o rato-do-mato, decidiu entrar na disputa. Segredou às onças que os leões ainda estavam a consolidar a sua aliança com os outros bichos, antes de tomarem a montanha. Também lhes explicou como os leões tinham arranjado aquela arma terrível que as tinha vencido. De lá de cima, com a vista aguçada, o milhafre tinha testemunhado o rapto do lupi-adjunto e depois o ataque noturno à aldeia das onças.

As onças miaram de raiva. Depois decidiram copiar a ideia dos leões e convenceram os milhafres a raptarem também um lupi. Foi assim que aconteceu. O lupi-adjunto a ser libertado pelos leões e pouco depois outro lupi-adjunto a ser raptado pelos milhafres. Só que desta vez a operação foi feita sem discricção, própria mesmo da arrogância dos milhafres que acham lá no céu eles são reis. Os lupis viram os milhafres em bando caírem sobre o lupi-adjunto, acabadinho de sair de casa para ir tomar banho, se elevarem nos ares com ele, que esperneava feito lupi-voador.

Desapareceram em direção à planície.

Este segundo adjunto inventou, ao fim de dois dias, uma outra arma. Misturando a água lilás com um pó amarelo que saía de uma das rochas e mais umas raízes amargas, obteve um líquido espesso e malcheiroso que os milhafres lançaram à noite para a aldeia dos leões. Decerto foi o primeiro bombardeamento aéreo da História. Rápido e eficaz! Os leões perderam logo o pelo. Mesmo a enorme juba do leão-chefe desapareceu num instante. Envergonhadíssimos por estarem nus, os leões fugiram da planície e foram se esconder, esperando que o pelo voltasse a crescer.

Perante tão grande vitória, os mabecos e as hienas, famosos por quererem estar sempre ao lado do mais forte, desfizeram a aliança com os leões escondidos e propuseram negociações às onças. O acordo resultou numa nova aliança. E os milhafres foram autorizados pelas onças a caçarem o máximo de cobrinhas possível, era a sua recompensa.

Estabeleceu-se assim enorme confusão na planície. Todos começaram a desconfiar uns dos outros. Os elefantes pensavam em entrar também na luta, para evitar que as onças fizessem alguma aliança com os rinocerontes. Estes ainda mais calados do que habitualmente, só escavavam nervosamente o solo, sem revelarem qual a sua resposta à oferta das onças. Os elefantes, que nunca esqueciam nada, estabeleciam a lista das vezes que já tinham sido traídos pelos míopes rinocerontes, bons de marrada.

– É preciso atacar antes de ser atacado, sempre foi a melhor estratégia – dizia o elefante-chefe aos outros, naquele jeito dos elefantes falarem em segredo que toda a gente ouvia, até mesmo os leões escondidos lá longe.

O cágado, que era amigo dos elefantes, aproximando-se em passinho lento, se meteu na conversa:

– Vocês também vão raptar um lupi e inventar uma arma? E os hipopótamos também. E as girafas, já agora. E, e, e... Até quando? Nunca mais há paz, ninguém mais pode viver tranquilo.

– Mas os leões e as onças têm essas armas terríveis – sussurrou o elefante-chefe, sussurro seguido atentamente pelas onças, hienas, cobras e até os leões. – Podem utilizar contra nós.

– Não há um perigo imediato. Os leões estão longe e as armas das onças... Vocês não têm grande pelo a perder, de que têm medo afinal?

– Temos de arranjar também uma arma terrível – teimou o elefante-chefe. – Para eles terem medo de nós.

– Não façam nada – pediu o cágado. – Vou falar com os meus amigos.

E lá foi o cágado explicar toda a situação ao lupi-sábio.

Mas na montanha não havia menos confusão. Quando o lupi-adjunto contou, no regresso, a invenção que fora obrigado a fazer, os lupis logo se aperceberam que o segundo adjunto tinha sido raptado por algum concorrente. Depois chegou o mujimbo através do Kandimba. E o lagarto azul confirmou, todo vaidoso com a vitória das suas recentes amigas, as onças. O medo era pois muito grande na montanha, sujeita à nova onda de roubo de cérebros, quando lá apareceu o cágado.

O lupi-sábio ouviu, ouviu. Só abanava a cabeça e lupilava tristemente. Disse ao cágado que precisava do conselho do lupi-pensador. Mas o lupi-pensador saía cada vez menos das árvores e era difícil encontrá-lo. O sábio teve vergonha de entrar em maiores detalhes. No entanto, o cágado era esperto e logo percebeu que algo não corria bem entre eles. Foi ele próprio chamar o lupi-pensador. O lupi-poeta também veio e reuniram-se os quatro. Disse o lupi-sábio, com os olhos sempre postos no chão, intimidado:

– Os adjuntos explicaram que tipo de armas fizeram. Ora isso tem uma solução. Posso fazer uma contra-arma, isto é, uma vacina. Quem tomar essa vacina não sofre nenhum efeito das armas feitas com água lilás. A questão porém é esta: devo dá-la aos elefantes?

Embora contrariado por participar da reunião, pois estava farto de conclusões negativas, o lupi-pensador perguntou:

– Por que não perguntas ao jacalupi-capitão? Não é o vosso chefe?

Passando por cima da ironia do outro, o cientista respondeu humildemente:

– Perguntei, enquanto o amigo cágado vos procurava. Ele só disse que não há perigo, ninguém ousa entrar na montanha. Porque somos a potência da água lilás! E ficou lá a jacarejar, todo vaidoso... lupi-lupi-lupi...

O lupi-pensador esqueceu o seu aborrecimento e piscou um olho malandro ao lupi-poeta. Só disse entre dentes:

– Potência da água lilás!

Depois ficou sério e voltou a perguntar:

– E os elefantes com essa arma ou contra-arma não fazem mal aos outros?

– Essa contra-arma não faz mal a ninguém.

– É que já vimos onde vão dar as tuas ideias – disse o lupi-pensador, implacável. – Olha a nossa situação. Só inventas coisas que os outros utilizam contra nós próprios, lupi-lupi-lupi.

– Estás a ser injusto – disse o cágado. – O lupi-sábio só inventa coisas boas.

– As coisas boas também podem ser más. E as más podem ser boas, lupi-lupi-lupi. Quando se inventa, não se pode pensar como ele. Não quero discutir nada, só quero fazer as minhas experiências, a sabedoria resolve tudo. A sabedoria até pode resolver, mas depois os outros utilizam o resultado da sabedoria ao contrário e a coisa vira prejudicial. É o que tem acontecido com os lupis. Afinal, o que é que a sabedoria resolveu?

– E neste caso? – perguntou o cágado, a tentar mudar a conversa.

– Como saber que os elefantes não vão utilizar essa contra-arma para dominarem a montanha?

– Agora eles estão mais fracos que as onças – disse o cágado. – Embora tenham muito pouco pelo, ficam horrorizados só de pensar em perder o da ponta do rabo. Com a contra-arma, ficarão iguais ao que eram antes, quando não havia as armas da água lilás. Eram os mais fortes e nunca tiveram a ideia de vir atacar a montanha, até porque se não interessam pela água lilás. Não sentem as carraças com aquela pele tão dura, e para tomarem banho precisam de grandes cacimbas de lama. É essa a garantia. Os elefantes podem dizer aos leões e às onças: se tentarem

dominar a montanha, nós vamos desfazer-vos aos bocados. E como as armas dos outros não poderão fazer-lhes mal, os carnívoros têm de renunciar de vez a tomar a montanha.

– Só queria que o lupi-sábio compreendesse profundamente o que eu disse – insistiu o lupi-pensador.

– Compreendi – disse o lupi-sábio. – E aprendi. Mas agora é preciso salvar todos os lupis, a montanha, tudo...

– Acho que podes fazer a contra-arma e dar aos elefantes, lupi-lupi-lupi.

E foi assim que os elefantes beberam um líquido verde-rosa e ficaram insensíveis a todas as armas feitas a partir da água lilás. Desde então nem a podiam cheirar sem ter soluços.

Convocaram reunião geral de todos os bichos. Só faltaram os leões, sem terem nada com que se tapar para virem à reunião, pois na época ainda não tinham inventado as saias e as cuecas. Os elefantes explicaram que também tinham uma arma terrível, que os imunizava das armas deles. Que os outros tivessem juízo. Por fim falou o cágado, tirando as conclusões:

– Fica pois decidido que ninguém pode ousar tomar a fonte de água lilás. Os elefantes são a garantia disso.

Os leões, escondidos na sua nudez, ouviram os berros do elefante-chefe a fazer o juramento de fidelidade ao acordo. Os leões mandaram logo a serpente gingona como emissária para dizer que subscreviam o acordo. As onças miaram de raiva, derrotadas já tão perto da vitória, mas tiveram de aceitar. Os rinocerontes apoiaram também, ainda lembrados do que sofreram na montanha, com a irritante lupilagem dos indígenas.

E assim se chegou à paz armada e contra-armada na planície.

15 Luta e exílio



COM A PAZ ENCONTRADA, PARECIA A CALMA IA VOLTAR À MONTANHA, NÃO É?

Nada.

Os negócios continuaram com os bichos da planície. Os lupões engordavam e todos os trabalhos eram feitos apenas pelos cambutas. Por todos? Não. O lupi-poeta e o lupi-pensador não saíram das árvores e deixaram totalmente de comer frutas da planície. No entanto, como o lupi-sábio ganhou ainda mais prestígio por ter salvado a montanha, o jacalupi-capitão considerou o desejo dele e decidiu falar com o jacalupi-capitão para fazer uma anistia aos dois amigos. O jacalupi-capitão decidiu acabar com o castigo deles. Podiam de novo tomar banho na piscina e comer frutas da planície. Mas, apesar dos pedidos e dos conselhos dos outros cambutas, eles não mudaram o seu modo de vida.

Mesmo o lupi-sábio tinha caído na tentação de só comer fruta da planície e já não subia às árvores. Queixava-se com a idade, já não era menino para brincar de ramo em ramo. A lupi-professora, essa então, estava tão gorda como um lupão. Foi o que o lupi-pensador disse: vocês estão tão pesados que já nem podem subir. Um dia vão sentir a falta...

Como as necessidades aumentavam constantemente, pois a população crescia e os jacalupis e lupões cada vez queriam mais

coisas da planície, geralmente inutilidades concebidas para eles, o lupi-comerciante e o contabilista trocavam frases preocupadas. Não havia suficiente água lilás para todos esses gastos. Já o jacalupi-capitão mostrava a sua insatisfação pela forma como eles geriam os negócios. Daí à desconfiança era só um passo. O lupi-comerciante foi falar ao lupi-sábio, tens de inventar qualquer coisa.

– Inventar mais o quê? Farto-me de inventar coisas, mas vocês não aproveitam. Só ainda não inventei juízo para vos dar.

– Ora, só inventas coisas disparatadas. Como esse líquido feito a partir de água lilás que dá para fazer colchões. Os herbívoros vendem-nos bons colchões de palha e sumaúma⁴². E os avestruzes vendem-nos as penas que fazem uns colchões maravilhosos. Para que ia servir a tua descoberta de colchões líquidos?

Era verdade. Os lupis agora dormiam sobre fofos colchões comprados na planície. O jacalupi-capitão tinha um enorme de penas de avestruz. Caríssimo, o preço de três dias de água lilás.

– Ficava muito mais barato utilizar o meu líquido.

O lupi-comerciante muxoxou e nem lhe respondeu.

Disse:

– Estive a pensar. Não podíamos fazer um furo extra para sair mais água lilás?

– É fácil fazer o furo. Pode é não sair água.

– Por que não tentar?

– Não vejo inconveniente.

– Assim duplicamos a quantidade de água lilás para a venda, lupi-lupi-lupi – festejou o lupi-comerciante.

Furiosos ficaram os dois lupis das árvores. Protestaram tanto, fizeram tanto barulho, que os cambutas exigiram ao lupi-comerciante uma reunião geral para discutir o assunto. O lupi-pensador e o poeta juntaram-se aos outros, à espera de começar a reunião. Os lupões mais proeminentes estavam inexplicavelmente demorados, bem como os jacalupis. Finalmente apareceu o lupi-diplomata a dizer que o jacalupi-capitão não autorizava a reunião.

– Vai lá dizer-lhes que acabou esse costume atrasado de se discutir para tudo e para nada. Quem manda agora sou eu, jac-jac-

jac. Já está decidido que vão cavar o furo, pronto. Jac-jac-jac!

Os cambutas protestaram. Que as grandes decisões deviam ser coletivas, como até aí. Mas o jacalupi-capitão mandou o grupo de vigilância dispersar o grupo, porque as reuniões estavam proibidas, eram subversivas.

À noite, quando o grupo de vigilância estava a dormir, os dois amigos desceram das árvores e foram despertar os outros cambutas.

– Então, viram no que deu a vossa fraqueza? Aceitaram, aceitaram, agora já nem têm direito de dizer qual é a vossa vontade. É preciso não aceitar, é preciso lutar.

Os outros ouviram um pouco envergonhados, mas queriam sobretudo paz e calma. E o lupi-kimbanda resumiu o pensamento geral, embora com os olhos no chão:

– Assim está-se bem. O jacalupi-capitão agora decide sozinho com o lupi-comerciante. Mas não decide mal. Nós queríamos a reunião, no fundo, no fundo, por uma questão de hábito. Mas novos tempos, novos hábitos. Reunião para quê? É boa ideia fazer novo furo. Assim vamos ter mais coisas para todos, lupi-lupi-lupi.

– Ingênuos! – gritou o lupi-pensador. – Ficaram uns moles, só vos falta jacarejar. Vocês não compreendem? A água lilás é um bem que é preciso saber utilizar. Com ela podíamos fazer muitas coisas que o lupi-sábio inventou. E gastá-la corretamente. Mas os jacalupis não querem, porque dá trabalho. Os colchões, por exemplo. Dava trabalho fazê-los, mas não gastávamos água com isso. E os aparelhos de fazer vento que o lupi-sábio inventou? Lupi-lupi-lupi? Eram muito mais baratos do que alugar essas centenas de pássaros, como vocês fazem, para abanar os jacalupis quando está calor. E tudo o resto. A água lilás só nos serve para tomarmos banho e vender. Quando podia servir para muitas coisas. Na planície estão a estudar outras aplicações. Disse o cágado que as armas deram a ideia. Eles próprios estão a estudar. Qualquer dia vão vender-nos os colchões com o líquido que o lupi-sábio inventou. E vamos comprar aquilo que podemos fazer sozinhos.

– E quem ia fazer? – disse a lupi-professora. – Os jacalupis não fazem nada, os lupões também não, fora dos negócios. Todo o

trabalho ia ser feito por nós. É melhor deixar. Estamos tão cansados...

O lupi-pensador e o poeta saíram dali muito tristes. Mas agora sabiam o que tinham a dizer. E decidiram continuar.

Quando os lupis estavam todos juntos a cavar o furo da água lílãs, os dois amigos tentavam convencê-los:

– Só estão a engordar os jacalupis, mais nada. E eles vão aumentar a opressão.

O lupi-poeta declamava poemas em que gozava a estupidez dos jacalupis e a cobiça dos que jacalupizavam. Até que o jacalupicapitão soube dos discursos que os dois andavam a fazer por todos os lados da montanha. Ficou muito ofendido. Furioso, declarou:

– Acabou a anistia. Esses são agitadores perigosos, jac-jac-jac. São castigados com o exílio perpétuo. Nunca mais podem pôr o pé no chão. Se os apanharmos, vamos amarrá-los para toda a vida. Assim seja feito, jac-jac-jac.

O lupi-pensador e o poeta ficaram exilados no alto das árvores. Não se importavam muito, pois já antes tinham escolhido esse gênero de vida. Continuavam a gritar e lupilar lá de cima. Só desciam a meio da noite, quando todos dormiam, para se banharem na piscina. Fazia frio, mas paciência, não se pode ter tudo na vida.

Cada vez mais irritado com a lupilagem atrevida, que colocava em ridículo todas as medidas que tomava, o jacalupicapitão passou a pressionar o lupi-sábio para inventar uma arma contra eles. Mas o sábio resistia. Atrasava, atrasava, ainda não consegui, é mais difícil do que se pensa, os dois lupizinhos eram muito ágeis e estavam sempre em movimento. Como as pressões passaram a ser ameaças, o lupi-sábio choramingava para o kimbanda:

– É a coisa mais fácil do mundo inventar a tal arma. Mas não posso fazer isso contra os nossos. E o jacalupicapitão vai ter a certeza que não quero inventá-la e então vou ser castigado. Por que não se calam de uma vez e voltam a ter uma anistia? Assim desconsiguem de convencer alguém. Vai lá tu falar-lhes. Diz-lhes para deixarem de fazer discursos contra os jacalupis e os lupões, senão sou mesmo obrigado a fazer a tal arma e não quero...

As conversas do lupi-kimbanda e da sua companheira, a

professora, eram inúteis. Os dois amigos diziam não iam calar, os lupis tanto ouviriam que acabavam por entender. Nós podemos libertar-nos todos se ficarmos juntos, nós é que temos de fato a força, repetiam. Mas os cambutinhas não compreendiam ou não queriam compreender.

E o novo furo atirou tanta água lilás cá para fora que as represas não aguentaram e era agora um riacho que descia a montanha e se perdia no meio do rio Lupi, lá embaixo, na planície, matando todos os peixes e rãs, que afinal não suportavam o líquido, sabe-se lá por quê. O trabalho agora era fazer novas represas para aprisionar a água lilás, que jorrava com força do Morro da Poesia, perfumando toda a montanha.

Ao fim de muitos dias de trabalho dos lupis cambutas e de muitos berros dos lupões a comandarem, desesperados, e de muitos jac-jac-jac preocupados dos jacalupis, estavam feitos dez tanques, uns abaixo dos outros. A corrente de água lilás foi mais ou menos dominada. Mas muita se perdia, porque as cabaças não chegavam.

Os lupis estavam esgotados de tanto trabalho e emagreceram muito, pois os lupões não tinham aumentado a ração de fruta naqueles dias de tarefas extraordinárias. Mas foram felicitados pelo jacalupi-capitão que fez um enorme esforço para se mover, a conselho do lupi-comerciante, com o fim de apreciar as obras concluídas. No verde da montanha em declive, os tanques lilases faziam um contraste lindo, mas o capitão não apreciou a beleza da paisagem. Só resmungou um jac-jac-jac cansado, fizeram um bom trabalho, estou muito orgulhoso dos meus súditos. Depois jurou que seria a última vez que sairia do tanque de cima, porque já mal podia andar de tão gordo. A menos que o lupi-sábio inventasse uma tipoia⁴³ para ele se mover...

42 Fibra da mafumeira (ver nota 2, página 13), utilizada como alternativa ao algodão.↵

43 Rede utilizada como meio de transporte, para uma pessoa.↵

16 Toda estória tem um fim, não é?



AFINAL, O TRABALHO DOS LUPIS FOI INÚTIL.

Um dia acordaram com uma notícia horrível. A água lilás parou de sair dos dois furos. Nem uma gota. Foram gastando a água dos dez tanques, enquanto furavam todo o Morro da Poesia, à procura de novas fontes. Até que venderam a água do último tanque. E não encontraram nenhuma fonte nova, embora tivessem tornado o Morro uma paisagem lunar, cheio de crateras. A montanha de repente ficara seca de água lilás. Só os tanques vazios e um vago perfume que neles ficou mostrava o que, um dia, tinha existido ali.

A fome apertou. Os lupis já não sabiam subir às árvores para colher a fruta que estava lá em cima. E as fogueiras da base da montanha se apagaram, pois já não havia água lilás para as fazer arder sempre.

Os leões e as onças, furiosos por não terem mais água, agora que tinham feito grandes progressos na descoberta de aplicações miraculosas, avançaram pela montanha, porque pensavam aquilo era um truque dos lupis para aumentar os preços. O cágado, avisado da calamidade acontecida na montanha, teve de intervir com os elefantes:

– Ninguém faz mal aos nossos amigos em desgraça. Ficou combinado que ninguém ia invadir a montanha. Com água lilás ou sem água lilás.

Os carnívoros acabaram por recuar e não fizeram mal aos lupis. Mas como estes já não tinham nada para comer e na montanha só havia fruta em cima das árvores, agora inacessíveis,

tiveram de se espalhar pela planície. Os dois amigos ainda tentaram manter os cambutas na montanha.

- Fiquem, que nós atiramos as frutas para baixo. Até reaprenderem a subir às árvores.

Mas os outros, dobrados pela desgraça coletiva, nem os ouviram. Ou foi vergonha? Ou por não quererem ficar dependentes dos dois que eles no fundo ajudaram a exilar? Não se sabe. O certo é que foram com os lupões e os jacalupis para a planície.

Para comer, os lupis alugaram-se aos carnívoros e grandes herbívoros. O jacalupi-capitão passou a servir de tambor nas feiras, porque tinha uma grande bunda onde as onças batiam, marcando o ritmo das danças. Outros serviam de palhaços, com as caudas de ossos a arrastar. O lupi-sábio e os seus adjuntos ficaram escravos das cobras, inventando coisas para elas. O lupi-comerciante era escravo dos hipopótamos, para fazer trocas com os jacarés, os quais o mordiam quando não gostavam do negócio. Todos os outros se alugaram para trabalhos que os bichos da planície recusavam fazer. E deixaram de lupilar.

O lupi-pensador e o lupi-poeta continuaram na montanha, comendo as frutas das árvores. Às vezes recebiam a visita do cágado e lupilavam mansamente com as notícias que ele trazia. Tinham agora uma vida livre pela montanha, como nos velhos tempos, mas tinham saudades dos outros lupis. Tinham sobretudo pena deles, escravos de si próprios.

Um dia, sentados num rochedo perto do Morro da Poesia, o lupi-poeta disse:

- Olha, ali embaixo cheira muito a água lilás. Deve haver.

O lupi-pensador concordou com a cabeça. Lupilou:

- Também já notei. Não lhe mexas. Nunca. Deixa-a estar aí embaixo. A nós basta vir aqui de vez em quando cheirar este perfume delicioso, lupi-lupi-lupi.

- Tens razão, é melhor que ela durma aí embaixo, lupi-lupi-lupi. É cedo demais para a fazer sair.

E continuaram a lupilar, todos contentes, com a alegria que dá aspirar o perfume da água lilás. Sons que acariciavam os fetos e as

flores da nossa montanha, talvez aqui perto de nós, hoje.

O lupi-pensador olhou a primeira carraça que se desenvolvia no braço esquerdo, com pena de a tirar. Disse:

– Lupi-poeta, tens que contar tudo isso que passou. Para que os lupis não se esqueçam dos seus erros.

O lupi-poeta fez então muitos poemas. Contavam a estória dos lupis e da água lilás. Também da desgraça que se abateu sobre eles e o seu destino.

Foram talvez esses poemas que chegaram ao conhecimento dos avós dos nossos avós, quando eles compreendiam a linguagem dos lupis. E nos contaram à noite, na fogueira, para transmitirmos às gerações vindouras. Aprenderão elas com a estória?

Luanda, maio de 1983 – maio de 1994 – novembro de 1999

Quem é Pepetela



Arquivo pessoal

Conhecer Pepetela implica associar ação literária e política à reflexão sobre questões fundamentais da vida contemporânea. Seu nome é Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos e o pseudônimo Pepetela, que significa “pestana” em Kimbundo, uma das línguas nacionais de Angola, foi nome de guerra adotado quando participou diretamente da luta armada de libertação nacional de seu país (1970). A maior parte de sua obra de ficção problematiza a história por ele vivida, antes, durante e depois da Revolução Angolana. Sua militância se deu a partir de Lisboa, onde foi cursar Engenharia (1958), mas acabou por trocá-la por Letras.

Na Casa dos Estudantes do Império, ainda em Lisboa, frequentada por líderes e intelectuais dos movimentos anticoloniais, Pepetela se iniciou nas atividades literárias e políticas. Militante do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), teve de fugir para Paris para não assumir o serviço militar obrigatório dos colonialistas portugueses (1962). Da França, foi para Argel, Argélia, onde se licenciou em

Sociologia. Na capital argelina, desenvolveu atividades de assessoramento ao MPLA. Com o recrudescimento da luta militar, foi à República do Congo, de onde ingressou diretamente na luta armada contra o colonialismo português. Responsável pela área de Educação, escreveu, em plena guerrilha, *Mayombe* e *As aventuras de Ngunga*.

Com a independência de seu país, foi vice-ministro da Educação, de 1975 a 1982. Deixou o governo e se consagrou ao ofício de escritor e também ao de professor de Sociologia da Universidade Agostinho Neto, em Luanda, Angola, da qual se aposentou recentemente. Desde 1982, se dedica com maior empenho à literatura. Tematizou a história de seu país e problemas da sociedade angolana pós-independência, marcadamente quando veio a ser envolvida por uma forma selvagem de capitalismo. Um de seus romances recebeu o significativo título de *Predadores* (2005). Não deixou de registrar os sonhos partidos de sua geração, que sonhou com uma sociedade mais democrática e libertária. Em suas últimas obras, os temas se internacionalizam sem perder o sentido de crítica político-social.

Pepetela recebeu cinco grandes prêmios, entre eles o principal prêmio literário dos países de língua portuguesa: o Prêmio Camões, em 1997, pelo conjunto de sua obra. Sua produção conta mais de duas dezenas de títulos, que já foram traduzidos para 20 línguas.

Benjamin Abdala Junior

Quem é Mauricio Negro



Arquivo pessoal

Nasceu em São Paulo, em 1968. cursou Arquitetura e Urbanismo e é formado em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). É ilustrador, escritor e *designer*. Identifica-se com temas fantásticos, ancestrais, mitológicos, ambientais, étnicos ou ligados à diversidade cultural e artística brasileiras. Recebeu Menção Especial no catálogo White Ravens, da Biblioteca Internacional da Juventude, em Munique, no ano 2000. Recebeu o Prêmio de Encorajamento do Noma Concours for Picture Book Illustrations, no Japão, em 2008. Foi selecionado para o 2º. CJ Picture Book Festival, em Seul, Coreia do Sul, em 2009. Foi premiado no XX Salão Internacional de Desenho para a Imprensa na categoria Ilustração Editorial, em Porto Alegre, em 2012. No mesmo ano, recebeu o Merit Award, na categoria The Published, da Hiii Illustration International Competition. Mantém o blog <<http://mauricionegro.blogspot.com.br/>>.

Copyright © Pepetela, 2013

Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP

CEP 01326-010 – Tel. (0-XX-11) 3598-6000

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

Internet: www.ftd.com.br

E-mail: projetos@ftd.com.br

Diretora editorial Silmara Sapiense Vespasiano

Editora Ceciliany Alves

Editora adjunta Cecília Bassarani

Editor assistente Luís Camargo

Assistentes de produção Ana Paula Iazzetto

Lília Pires

Assistentes editoriais Ândria Cristina de Oliveira

Tássia Regiane Silvestre de Oliveira

Preparadora Bruna Perrella Brito

Revisora Regina C. Barrozo

Coordenador de produção editorial Caio Leandro Rios

Editora de arte Andréia Crema

Projeto gráfico Kong Rex

Diagramação Sheila Moraes Ribeiro

Finalização Edgar Sgai

Gerente executivo do parque gráfico Reginaldo Soares Damasceno

Produção do livro digital Booknando

Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos) nasceu em Benguela, em 1941. Licenciado em Sociologia, escritor, guerrilheiro, político e representante do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), foi professor na Universidade Agostinho Neto, em Angola, e presidente da Assembleia Geral da União dos Escritores Angolanos. É autor, entre outras, das seguintes obras de ficção: *Muana Puó* (1978), *Mayombe* (1980), *Predadores* (2005), *O Quase Fim do Mundo* (2008), *Contos de Morte* (2008), *O Planalto e a Estepe* (2009) e *A Sul. O Sombreiro* (2011). Em 1997, recebeu o Prêmio Camões, o mais importante prêmio literário da língua portuguesa, pelo conjunto da sua obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pepetela

A montanha de água lilás [livro eletrônico] / Pepetela ; ilustrações Mauricio Negro ; prefácio e notas Benjamin Abdala Junior. -- 1. ed. -- São Paulo : FTD, 2022.

ePub

ISBN 978-85-96-03708-2

1. Ficção juvenil I. Negro, Mauricio. II. Abdala Junior, Benjamin. III. Título.

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Este livro foi publicado anteriormente por
Publicações Dom Quixote (Lisboa, Portugal, 2000).